



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA

JÉSSICA BIANCA CÉSAR SILVA

CORPO-HISTÓRIA:
BAND-AID NA FERIDA

BELÉM – PARÁ

2019

JÉSSICA BIANCA CÉSAR SILVA

**CORPO-HISTÓRIA:
BAND-AID NA FERIDA**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Teatro, da Universidade Federal do Pará a ser utilizada como diretriz para manufatura do Grau de Licenciada em Artes.

Orientador: Prof. Ms. Paulo Roberto Santana Furtado.

BELÉM – PARÁ

2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

S586c Silva, Jéssica Bianca César
Corpo-história: Band-aid na ferida / Jéssica Bianca César Silva.
— 2019.
70 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Me. Paulo Roberto Santana Furtado
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - 3, Instituto de
Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

1. Teatro, Estudo e Ensino. 2. Cuidado de Si. 3.
Dramaturgia Pessoal. 4. Corpo-história. I. Título.

CDD 792.07


 SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
 ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
 CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO




ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 18 dias do mês de dezembro do ano de dois mil e Dezenove, às 16h, reuniu-se na sala 06 (seis) da ETDUFPA, a Banca Examinadora composta pelos docentes: Prof. Me. Paulo Roberto Santana Furtado (Orientador e Presidente), Prof. Me. Francisco Edilberto Barbosa Moreira (Examinador interno) e Prof.^a. M.^a Roberta Bentes Flores Bayma (Examinadora externa) para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria da aluna JÉSSICA BIANCA CESAR SILVA, intitulado: “Corpo–História: BAND-AID NA FERIDA”. Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado:

O trabalho foi aprovado com conceito excelente
 com as seguintes observações: _____

e após constar, foi lavrada a presente Ata, que depois de lida e aprovada, foi assinada pelo presidente e demais membros da banca examinadora.

Belém, 18 de dezembro de 2019


 Prof. Me. Paulo Roberto Santana Furtado
 Orientador e Presidente


 Prof. Me. Francisco Edilberto Barbosa Moreira
 Examinador Interno


 Prof.^a. M.^a Roberta Bentes Flores Bayma
 Examinadora Externa

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura: Jéssica Bianca César Silva

Jéssica Bianca César Silva

Local e Data: Belém, 25 de janeiro de 2020.

RESUMO

A presente pesquisa começa com um memorial que perpassa pelo abuso sexual, o teatro pessoal em busca de uma cura, o ser professora e encenadora, inicialmente, principalmente pelo teatro pessoal que desenvolvo para sobreviver mais um dia. E partindo dessa fenomenologia chamada teatro, revivo, construo, destruo e reconstruo meu corpo. Percebendo assim as diversas construções de personagens anarcometodológicos. Em quatro sessões falo sobre como o engendramento de dores, feridas e cicatrizes resultam em um ensinar sobre o cuidado de si; cuidado esse que vai além do EU, de mim, e deságua em um grupo de mulheres que tem em comum as lutas diárias de ser mulher, as diversas feridas e o não saber como lidar com diversos transtornos psicológicos adquiridos pelo silenciamento diário. Teço através do teatro pessoal a construção de vários personagens, dramaturgias e encenações. Como resultado, desenvolvo métodos de ensino de teatro propulsor de vozes, onde os estudos de conexões de autocuidado – cuidado de si – propiciam uma construção cênica de lutas sociais poéticas: o espetáculo “Enfim Sós”.

Palavras-chave: Cuidado de si. Dramaturgia pessoal. Corpos.

ABSTRACT

This research begins with a memorial that goes through sexual abuse, personal theater in search of a cure, being a teacher and director, initially, mainly by the personal theater that I develop to survive another day. And starting from this phenomenology called: theater; I revive, build, destroy and rebuild my body. This realizing the various constructions of anarcomethodological characters. In four sessions I talk about how engendering aches, wounds, and scars result in teaching about self-care; I care about this that goes beyond the I, from me, and flows into a group of women who have in common the daily struggles of being a woman, the various wounds and not knowing how to deal with the various psychological disorders acquired by daily silence. Third through personal theater the construction of various characters, playwrights and staging, as a result I develop methods of teaching voice-driving theater. Where the studies of self-care connections - self-care - provide a scenic construction of poetic social struggles: the spectacle “Enfim Sós”.

Keywords: Self-care. Personal playwriting. Bodies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Filha de urubu.....	13
Figura 2 - (Des)encontro de família.....	15
Figura 3 - Um buraco específico.....	17
Figura 4 - Olhos no forro.....	18
Figura 5 - Mãos elásticas.....	26
Figura 6 - Um filme de comédia/trágico - não é o que você está vendo.....	30
Figura 7 - Todas as formas me levam a um lugar: de descanso.....	32
Figura 8 - A Roda.....	38
Figura 9 - Partitura não corporal de corpo.....	39
Figura 10 - Tempo que passe.....	41
Figura 11 - A dor que passo.....	41
Figura 12 - Muda, mudo.....	41
Figura 13 - Muda, mudo, apresentação.....	42
Figura 14 - Te sinto.....	42
Figuras 15 e 16 - Entre cortes, entre dores.....	44
Figura 17 - Bem-vindo ao mundo... da minha cabeça.....	44
Figura 18 - Despedida.....	45
Figura 19 - Vômito.....	45
Figura 20 - Pré-Maracujá.....	48
Figura 21 - Fim do espetáculo na Ilha do Maracujá, 21/12/2014.....	49
Figura 22 - Oscar – plaquinha de papelão com um papel grampeado, 29/12/2014.....	49
Figura 23 - A visita do anjo Gabriel para Maria – texto cantado, 04/04/2014.....	51
Figura 24 - Pássaro de fogo, 13/12/2015.....	52
Figura 25 - Lugares onde dói.....	54
Figura 26 - Primeiro encontro do grupo.....	59
Figura 27 - Somos fogueiras.....	66
Figura 28 - Fim de espetáculo.....	67

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	A PRIMEIRA DOR	11
3	A SEGUNDA DOR	17
3.1	INTERIOR	19
3.2	CAPITAL	24
4	OS CURATIVOS	34
4.1	CICATRIZ	36
4.2	CONSTRUÇÃO DA PARTITURA CORPORAL PARA A CICATRIZ APRESENTADA	38
4.3	CONSTRUÇÃO DE CENA	40
4.4	APRESENTAÇÃO/QUALIFICAÇÃO DE TCC	42
5	A CURA	46
5.1	NASCEU A ARTISTA	46
5.2	MULHER EM CUIDADO DE SI NASCE	57
6	CONCLUSÃO - TIRANDO O BAND-AID	68
	REFERÊNCIAS	69

1 INTRODUÇÃO

Desde as primeiras palavras é válido deixar bem claro que a “Lou Cura” desse trabalho é alinhada com a anarcometodologia, ou seria melhor dizer, (des)organizado por ela?

O presente trabalho está dividido em quatro sessões, e fala sobre a trajetória do corpo-história desde o momento da gestação, devido a cada detalhe que constitui o ser formado; fotos e escritas pessoais aparecerão no decorrer de toda pesquisa. Irei abordar o corpo abusado e suas dores, trazendo à tona esse corpo-história abusado. O momento das trevas, da escuridão, da abertura de um buraco no corpo e na alma. As doenças que decorreram de cada estupro e cada silêncio. Irei abordar também o silêncio através da família, da escola, da

I G I G R E J A E J A

É importante ressaltar que não citarei nomes, seja pelo bem ou mal feito, pois esta continua sendo a minha história e para isso coloco-me como protagonista, mesmo que nem tudo nesta história sejam flores. Então, qualquer personagem que seja convocado na mesma, será identificado por apenas uma letra, podendo ou não ser a inicial do nome.

A caminho da reviravolta do corpo-história abusado, na entrada do teatro, por meio do grupo JOVAC¹ e posteriormente com o ingresso na Universidade para cursar Licenciatura em Teatro, deixando → *uma formação em andamento (Gestão Hospitalar)* ← - para TRÁS. Estes são caminhos pelos quais passei até chegar aqui. Através do fazer teatral, descubro no ser atriz/dramaturga, e formando-me como professora, um meio para curar minha dor. Falarei das mudanças entre terapeutas e psiquiatras durante 3 anos, mas enfatizarei que com o estudo no teatro percebo que posso expurgar minha dor através da construção de dramaturgias, onde meu eu e minha persona se encontram.

Já no último ano de formação, o qual dou início ao que será uma das experimentações dessa pesquisa, terei como foco as cicatrizes que ficaram nesse corpo-história, mostrando a poética do teatro. Apresentarei minha dramaturgia a partir da minha cicatriz, apresentada através da disciplina “Dramaturgia do Ator” e falarei sobre gravidez e aborto abertamente,

¹ Grupo teatral Jovens Vivenciando o Amor de Cristo, da Paroquia São Vicente de Paulo, Paar-Ananindeua-Belém-Pará.

relatando a vivência como atriz-performática até a concepção do experimento cênico.

Através da decisão de ser mulher na sociedade, tiro meus *band-aids* para expor não só os trabalhos desenvolvidos na disciplina, mas também o trabalho desenvolvido no GTU² (tarde) com o tema “Mulher em cuidado de si”, onde eu tomei a direção. No GTU, tive a oportunidade de focar no poder transformador do teatro, ao provar que minhas dores foram cicatrizadas, e que agora busco mostrar para outras mulheres que podemos ser mais do que a sociedade nos impõe, mostrando a força política de cada corpo-mulher-história.

Fui questionada diversas vezes sobre a relevância desse capítulo a mais. Porém, não posso deixar que o “cuidado de si” seja somente o cuidar de mim, mas permitir que seja o cuidado nas minhas conexões, e isso implica naquelas formadas a partir do ser professora. Posso dizer que essa vivência deu início à pesquisa. Se não estivesse formando-me como professora de teatro, eu nunca falaria de toda essa trajetória. Em seguida, deixo exposto, meus objetivos com o referido trabalho:

- Registrar a criação de um teatro pessoal foi o indutor para que eu, como atriz e futura professora pudesse reagir e sobrepujar o trauma de um abuso sexual sofrido na infância/adolescência. Esse teatro pessoal é atravessado por dúvidas e certezas, medo e coragem, anseios e desprendimentos, fraqueza e força, tristeza e alegria; fazendo com que eu ficasse, a todo momento, nas extremidades de cada sentimento, para então conseguir ponderá-los, trazendo cada um para um equilíbrio que me fizesse seguir em frente na vida;
- Narrar o despertar para a vida após o acontecimento da violência sexual infantil, ressaltando a convivência familiar antes, durante e depois do fato, sendo este último dividido em dois tempos, antes e pós teatro;
- Mostrar, passo a passo, as ferramentas que utilizei para que o teatro, o qual nomeei como "a vida que não é, mas que poderia ser minha", pudesse crescer e funcionar de maneira eficaz pra que eu, enquanto violentada, pudesse reagir e viver; e
- Apontar as melhoras significativas alcançadas através do teatro e da docência, ressignificando a mim e meu modo de vida; mostrando além do caminho aparente e unicamente horizontal, todavia também suas verticalidades e transversalidades adversas. O que antes era visto horizontalmente e interrompido prematuramente com a morte, hoje é um emaranhado de possibilidades.

Todos disseram que eu deveria ter embasamento para que minhas palavras pudessem

² Grupo de Teatro Universitário, é um projeto de extensão Novos Encenadores da UFPA; abre edital todos os anos para alunos e/ou [ex-alunos](#) com projetos artísticos.

ter credibilidade. Então, para contar minha trajetória no teatro devo alertar, usando as palavras de Rousseau: “Posso cometer omissões nos fatos, transposições, erros de datas; mas não posso me enganar sobre o que senti, nem sobre aquilo que meus sentimentos me levaram a fazer; e é principalmente deles que aqui se trata” (DUQUE-ESTRADA, 2009, p. 18).

Para isso tenho como base, com todos os seus conhecimentos, os autores que agora anuncio: Duque-Estrada, Augusto Boal, Bárbara Santos com “O Teatro do Oprimido”, Wlad Lima e sua dramaturgia pessoal do ator, Luizan Pinheiro, Jaques Nancy, Aníbal Pacha, entre outros.

2 A PRIMEIRA DOR

Meu nome de batismo é Jéssica Bianca César Silva, sou paraense e tenho 22 anos. Uma filha que sobreviveu a todas as tentativas de aborto. Sou filha da “decisão”, do decidir ter, decidi ser mãe e ser pai; mesmo que ainda forçados. Eles sempre quiseram um menino, e um aborto antes de mim era o tão sonhado filho. Depois dele eu nasci, para quebrar a barreira e dizer: eu vou ficar, porque eu decidi.

Antes eu pensava que essa parte da história não me pertencia, mas para compreender toda minha trajetória, tive que ir da escuridão para a luz - trajetória do vazio para o existente – uma bola, um pequeno amontoado de células, que já era eu mesma sem saber, onde eu tinha que lutar, acredito que até antes disso; eu era fragmentada. Uma parte de mim era um espermatozoide e o outro um óvulo, uma dualidade que meus pais não queriam, mas foram obrigados a ter.

Corpo-criança...

Para se reconhecer, é necessário abrir portas e remexer coisas para o encontro, às vezes não tão fácil, por se tratar de relações de afetos de um morador antigo. É preciso invadir e se reapropriar de cada compartimento, lascando as paredes, levantando a poeira dos objetos, como um arqueólogo que tira os resíduos sobrepostos pelo tempo à procura de vestígios [...] (CORREIA, 2019, p. 17).

Dói perceber que a decisão de seus pais foi tomada em uma roda de amigos, no bar, entre vários cigarros e garrafas de cerveja; eu, minúsculo amontoado de células, já era violado. Um pulmão inexistente que já se tornava manchado, um coração inexistente que se acelerava a cada possível queda, briga de bar ou de casal; uma mente já perturbada, cada nervo era estimulado com choque neurais. É uma existência antes da existência, uma pré-existência. Levantar toda essa poeira me faz enxergar com clareza que minha estrutura foi feita com retalhos e pedaços quebrados que eu fiz e faço funcionar.

O primeiro “golpe” veio a mim de forma líquida, uma grande quantidade de “chá de cabacinha”, a coisa mais amarga que experimentei, em apenas duas semanas de formação celular. O segundo, veio das garrafadas do Ver-o-Peso, a terceira, veio da *citotec*, a quarta de chutes e socos do meu pai na minha mãe, a quinta de várias doses de cerveja, drogas e cigarros, e a assim a sexta, a sétima de muitas agressões físicas em minha mãe... repetidas vezes; não que eu estivesse contando...

Depois da “decisão” e da comemoração no bar, vieram os dias de enjoo, estes calados com um copo de cerveja; “só um copo não faz mal” costumavam dizer. Depois vieram as

consultas para cuidar bem de mim; “coração? *Okay*. Pulmão? *Okay*. Braços e pernas? *Okay*. Cabeça? *Okay*”; um crescimento normal e saudável. A médica dizia: “só precisa parar de beber e fumar”, e a resposta era sempre a mesma: “tudo bem, doutora”, dizia.

A coisa mais intrínseca para mim eram os sentimentos de minha mãe e as palavras de meu pai, momentos íntimos, portas fechadas, e a negação da minha avó paterna que sempre questionava: “quem pode garantir que esse(a) filho(a) é teu? Pelo que me consta pode ser de qualquer um”. Terceira pessoa a me rejeitar? Quem conta isso? UMA, DUAS, TRÊS... Não eu.

Jogando a parede do silêncio ao chão, eu me mexia anunciando que poderia vir a qualquer momento ao mundo:

Os corpos são diferenças. São, portanto, forças. Os espíritos não são forças: estes são identidades. Um corpo é uma força diferente de várias outras. Um homem contra uma árvore, um cachorro diante de um lagarto. Uma baleia e um polvo. Uma montanha e uma geleira. Você e eu (NANCY, 2012, p. 47).

Momento de romper, de nascer, de ferir aquela que me cuidou e maltratou; hora de sangrar, mostrar o corpo nu, de tirar sua vergonha, de se abrir para me permitir sair, hora de me expor para o mundo, hora de ser felicidade, dúvida, medo e choro; hora de ser tudo assim como não se é nada.

Já tinha nome e sobrenome, Jéssica Fernanda César Silva. Era dia 19 de dezembro de 1996, às 12h45min, rasguei o véu que mudaria drasticamente nossas vidas: os diretamente envolvidos e os personagens secundários. Mas antes, ocorreu que:

Enfermeiro: “tira tua roupa e coloca a bata.”

Mãe: “eu não vou colocar isso pra mostrar minha bunda.”

Enfermeiro: “deixa a dor bater que tu vais ficar pelada.”

Mãe: “tá bonitinho, só porque tu queres.”

Momentos depois a dor começou a aumentar, e aumentando ainda mais ela arrancou as roupas e vestiu a bata, e ele retrucou: “eu não disse que tu ias ficar peladona?!”

Depois de horas na sala de parto, eu não queria sair daquele lar, pois apesar de tudo que passamos durante estes nove meses, era o lugar mais seguro para mim, e eu não queria ter a oportunidade de conhecer a maravilha ao lado de fora, acredito que era minha intuição que me avisava ou, talvez, pensava que se tratava de mais uma tentativa de aborto, de me arrancar. Então, eu resisti de todas as formas, até que o meu lar começou a me fazer mal. Foi então que na decisão médica, fui tirada a ferro, um parto chamado de *fórceps*.

Literalmente fui arrancada, até hoje trago a cicatriz na testa do ferimento que o equipamento me causou, fora o sangue comum de qualquer parto, meu rosto sangrava de tal forma que até as enfermeiras presentes ficaram preocupadas, porém, eu estava do lado de fora, de forma rasgada, dolorosa, cruel e visceral. A primeira etapa estava vencida, eu sobrevivi nove meses, agora só teria que resistir ao corte na cabeça e tudo ficaria bem; ao menos era o que deveria acontecer.

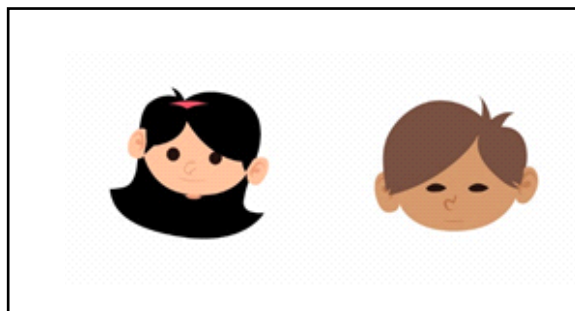
Fomos para casa depois de um dia de internação, e na hora de me registrar, meus pais brigaram e decidiram por mudar meu nome. Fui chamada: Jéssica Bianca César Silva; Bianca pelo nome de uma personagem de novela que minha avó materna amava e como minha mãe e ela estavam com raiva do meu pai decidiram tirar a homenagem que seria feita a ele, assim o nome Fernanda foi extinto da minha identidade.

Descobri mais tarde que o motivo da briga era por eu ter nascido branca e com olhos claros, então, acreditaram que de forma alguma eu seria filha do meu pai. Minha avó paterna me rejeitou assim que nasci, e assim vivi uma nova sina: ser aceita em casa.

Até onde é possível e cabível o desmonte de uma temporalidade que se recompõe numa condição fragmentada, entrecortada, estilhaçada, ao ponto mesmo em que seu sentido atinja o caos do não-sentido numa vitalidade fundamental (PINHEIRO, 2016, p. 42).

Para a reconciliação, duas bananas e uma maçã foram enviadas, através de uma tia, pela minha vó paterna. Depois que a menina branca foi ficando preta.

Figura 1 - Filha de urubu



Fonte: Designer Leonardo Mendes

Toda essa história eu nem deveria saber, mas fizeram questão de me contar, me marcar, mostrar que eu sempre fui indesejada desde a concepção até o crescimento, ousou dizer até hoje.

Eu deveria procurar desde muito cedo um lugar, um lar para mim, porque eu sempre

fui a pessoa no lugar e hora errada. E até hoje eu acreditava que isso não fazia a diferença para mim, mas eu estava enganada. Tudo o que me forma e tudo o que passei, foi um reflexo de nunca ter pertencido a lugar nenhum, um lar, um alguém, uma família.

Por todas essas questões eu não fui batizada, mesmo tendo pais e família católicos, pois não se dignaram levar-me a uma Igreja para o batismo, ao qual todos na família passaram, seja na católica ou evangélica. Nunca fui apresentada a Deus ou a uma religião de maneira pertencente, sempre fui deixada a vagar por sorte própria, e digamos que eu não a tenha.

Aquilo que eu acreditava não me afetar, arrebatava-me interiormente, em meu peito e minha existência; eu, simplesmente, era um nada. Um vazio que gritava no vácuo, sem nunca ter sido escutada.

Estando eu ao lado de fora, era hora de comemorar em festas e bebidas, tudo que minha mãe não podia fazer enquanto eu estava em seu ventre, por noites e noites eu era deixada no quarto escuro, sozinha. Eu chorava. Meus tios, irmãos de minha mãe, reclamavam: “que menina mais chorona”. E tudo bem, admito ter sido chorona, mas eu ainda não sabia falar. Como alguém poderia entender que eu estava com fome ou frio se eu não expressasse no choro? E foi assim que uma das minhas tias quase me matou por engano...

Uma criança chorona... Uma pessoa sonolenta... Choro... “Levanta. Quero água”, “...dá álcool pra ela” - Para mim... Foram minutos de sufoco... Roxo era minha cor. Desespero; quase morte, de novo, de novo e de novo...

Ela

Me

Acompanha

Todos

Os

Dias

Até

Hoje.

Todos os dias há luta diferente para viver.

Gestação? *Okay.*

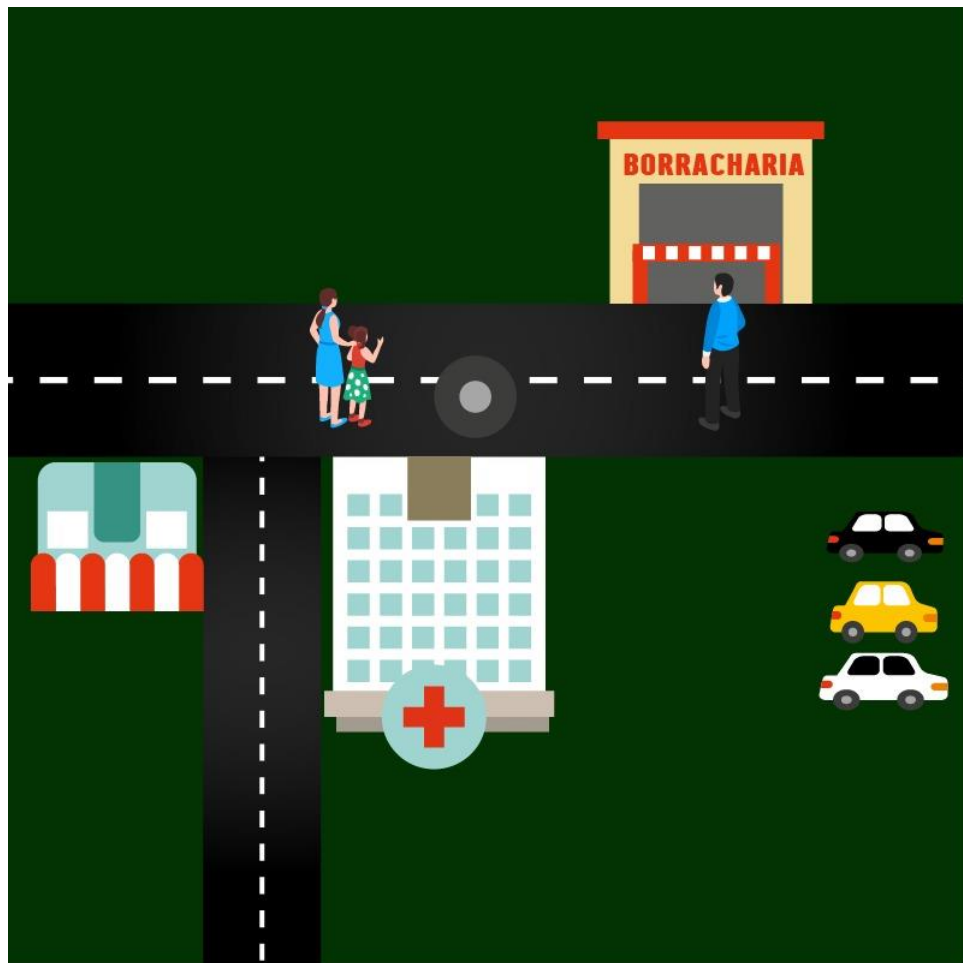
Parto? *Okay.*

Crescimento? *Aguardando resultados.*

Ainda nem havia completado dois anos de idade. Uma lacuna, um buraco se forma em minha família: se-pa-ra-ção. Não era brincadeira, até que poderia servir como aquecimento para atores e não atores. Visitas semanais? Era penitência. Agora posso dizer que sim... Um dia aqui, outro lá... Sem casa, sem lar, sem pais... Um padrasto (pausa).

Isto transformou todo encontro em uma corrida para os braços do meu pai, e a lembrança mais dolorida:

Figura 2 - (Des)encontro de família



.Fonte: Designer Leonardo Mendes

A WE 72³ não seria a mesma a partir desse dia – nem sei datar – mas ele aconteceu, em frente ao pronto socorro. Meu pai vinha no sentido – direita para esquerda – e eu e minha mãe da esquerda para direita; quando estávamos nos aproximando eu larguei a mão dela e fui ao encontro dele, correndo, tropecei numa pedra e cai ao lado de um pneu de caminhão que sinalizava que do outro lado da rua tinha uma borracharia; feri o rosto no asfalto. Por sorte,

³ Travessa **WE-72**, Cidade Nova VII localizada no bairro de Cidade Nova - cidade de Ananindeua PA.

em frente ao pronto socorro. Levaram-me para dentro, mas eu não deixava as enfermeiras tocarem meu ferimento, ameaçava dizendo: “vou mandar meu pai bater em vocês, ele é forte”, “tá doendo, ‘*pola*’”. Essa reação resultou em alguns tapas; para mamãe, uma esculhambação das enfermeiras, e para o vovô uma esculhambação da mamãe por ter me ensinado um palavrão. Porém, mais doloroso que meu ferimento na testa, era meu ferimento no coração ao perceber naquele momento a constância nas coisas ruins e a continuidade esperada para os demais dias. Uma corrida eterna para ficar com meu pai, um tentar eterno para que meus pais morassem na mesma casa e pudéssemos voltar a formar uma família; resultando em ter todos os meus pesadelos acalantados pelos dois, na minha cama ou na deles. Agora, é um modelo de família utópico pra mim. E eu soube naquele dia que nunca teria um momento como esse. Sem leituras antes de dormir, sem café da manhã juntos, sem meus pais juntos para me levarem a escola, nada de momentos até o nascer da noite com nós três cortando figuras de revista para fazer um trabalho da escola, nada do que eu sonhava como família seria possível.

Caminhava pelas ruas com medo de tudo e todos. Primeiro dia na creche, voltei sem minhas bijuterias; segundo dia, com roupas trocadas; terceiro dia, com uma mordida no rosto; “Vida fácil” diria meu anjo da guarda. “Mas tem criança que está passando fom...” Cala a boca! Vi uma viatura, grito, medo de bala, mas por quê? Eu não sei, mas era assim.

A primeira dor é um conjunto de dores. Gestaçã, parto e infância em sua fase inicial. Dizem que é quase impossível para nós, lembrarmo-nos dos nossos primeiros anos, mas eu fui abençoada com minhas lembranças...

3 A SEGUNDA DOR

Figura 3 - Um buraco específico



Fonte: Designer: Leonardo Mendes

Um sofá listrado, verde-musgo e preto, não tão novo, de três lugares: um pra mim, outro pra ele e no meio a mão numa vagina, foi sem querer. Ele não sabia que era um orifício não permitido, afinal, uma saia rosa da Minnie estava facilitando, uma calcinha com “frufus” não é um cinto de castidade, sabia? Mas uma criança de dois ou quatro anos, deveria dar-se respeito, deveria falar não. ALERTA DE SPOILER! Não adianta falar não.

- “O que ela estava fazendo?”

Tentando ler uma revista de figuras.

- “Que horas isso aconteceu?”

Não sei ao certo, mas era de tarde, umas três ou quatro horas da tarde.

- “Onde ela estava?”

Em casa, no sofá como eu já disse.

- “Por que não estava com a mãe ou pai?”

Mas a mãe estava num outro cômodo da casa.

- “Mas aí é facilitar demais, não podemos deixar crianças sozinhas, elas aprontam.”

...

Esqueci de comentar que foi o primeiro flagra, o primeiro escândalo e o primeiro: “não foi o que você viu”. É, nunca era o que parecia ser, até porque ele falava: “só estou cuidando de você”, mas eu sentia dor e não gostava desse cuidado, pois era diferente do cuidado do meu pai, do meu avô e dos meus tios. Mas tudo bem, ele era apenas um velho caduco e o filho dele; quem liga? Eu certamente não tinha celular.

Figura 4 - Olhos no forro



Fonte: Designer Leonardo Mendes

Como em Deleuze o desvio da fala, a não-comunicação pela potência da criação. Operar nessa medida o desvio do pensamento destruindo sua função explicativo-analítica por um estado outro de fluxo, indeterminação, corte. Lá onde Beckett operava o incomunicável do mundo numa criação do outro mundo. “O vazio. Ante os olhos fixos. Fixando-se onde podem. Ao longe e ao largo. Ao alto e embaixo. Aquele campo estreito. Não saber mais. Só aquilo. Só aquele muito pouco de vazio” (BECKETT 1996, p. 17 *apud* PINHEIRO, 2016, p. 78).

E assim, passei a viajar num mundo que só existia na minha cabeça, era menos doloroso. No forro dentro do quarto tinha um buraco, ele era minha saída. Às vezes, era o local onde olhos famintos me olhavam e eu chorava, eram olhos vermelhos e mãos pretas que tentavam me pegar, mas acredite era menos doloroso que a dor física que eu sentia a cada “sessão de cuidado” do meu padrasto – pelo menos era assim que ele chamava – outras vezes, o buraco era apenas um local que eu podia imaginar entrando, mesmo sabendo que era escuro, mas eu podia ver ao entrar que podia engatinhar e ver uma luz – típico da luz no fim do túnel – Havia momentos em que naquele buraco, eu encontrava um esquilo que me levava para vários lugares, uma vez ele me levou para um rio, mas o que eu quero enfatizar é: nem todos os buracos me faziam sentir dor.

Fui obrigada a sair do meu lar, mas ainda me pergunto se algum dia aquela casa foi meu lar ou mesmo minha morada. Fui levada para o interior, com seis anos, passava dias e noites chorando em baixo de uma mesa, na qual guardava muitos livros docentes de meu tio. Logo, decidi que iria começar a ler, ensaiei sozinha e aprendi sozinha.

- “Vô, eu já sei ler!”

- “Então lê pra mim.”

Não vou tentar dizer qual foi o texto que li, porque sinceramente não lembro, porém

quero dizer que consegui, sozinha; em um quarto, com livros e unindo-me a tudo que meus professores me diziam:

“B com A, BA; ... ; Z com U, ZU.”

Devagar, mas progredindo... Até as primeiras férias. De volta ao “lar”. Assim foi minha vida, dos seis aos dez anos de idade: abusos, estupros intercalados – aulas e férias. É por isso que até hoje eu odeio férias. Não me permitiam dizer nada, porque ninguém nunca acreditaria em mim e de quebra⁴ ainda perderia minha mãe, meu pai e meus irmãos; tudo seria em vão.

Não é por outra razão que a narrativa da sua vida se faz numa sucessão de exílios e retornos, na felicidade sempre prometidas e abortada de um novo recomeçar, num momento que Blanchot chama de simplicidade primeira, quando tudo é novamente sempre possível (BLANCHOT, [s.d.], p. 55, *apud* DUQUE-ESTRADA, 2009, p. 19).

A solidão transforma as pessoas, não foi diferente para mim. Uma criança que não pegava nada da mão de ninguém, a não ser que a mãe permitisse pegar quando eu a encarava. O lugar onde era colocada, ficava horas a fio sem reclamar, viajando na imaginação. Isto mudava quando meu comportamento não me tirava a dor a qual era exposta; passei a fazer o que todas as meninas mais velhas da escola faziam, arrumei um namorado mais velho, sempre mais velho – era uma condição - porque só eles sabiam como nos cuidar; onde será que ouvi isso? Foi então que minha mãe com medo de uma gravidez precoce me tomou daquilo que mais me fazia querer viver – depois que superei o abandono, claro.

Porém, eu continuava sendo uma boa menina, tinha boas notas, sempre focada nos estudos, pois quando fui levada para o interior “para umas férias” eu percebi que só os estudos me moveriam do lugar em que eu me encontrava. Então passei a dedicar todo meu tempo e esforço aos estudos, mesmo “namorando”. A finalidade deste é relatar esse “*pig-pong*” que me fizeram passar, era como o momento “bolsão de ar”. Nas viagens Belém-Guarumã, Guarumã-Belém era o momento em que nada acontecia, não tinha estupros, não tinha choro, não tinha estudo, não tinha perguntas, não tinha dúvidas, não tinha nada além de estrada e paisagem. E este momento passou a ser minha salvação.

3.1 INTERIOR

“Precisava agarrar essas imagens provindas de meus abismos, em forma de desenhos-sensações, muitas vezes fugazes” (CORREIA, 2018, p.18). Tudo que eu passava na capital

⁴ Gíria; a expressão "**de quebra**", seria mais um, algo a mais, uma gentileza. Fonte: Dicionário informal.

ficava como penumbra na minha mente quando eu chegava naquela casa de madeira com um quintal grande e onde ao fundo havia a visão do futuro: um cemitério. Cemitério esse que foi testemunha de quase todas as minhas lágrimas. O cemitério era o que havia no meio da minha vida no interior: escola - cemitério - casa. E foi então que passei a pensar na morte como possibilidade. O que estimulou minha escrita e mais tarde, minhas encenações:

*Me vejo numa estrada, sozinha
Sempre sozinha...
Olho para trás querendo voltar mas não posso
Olho para frente e não vejo onde posso chegar
É sempre tão vazio
Eu caminho em câmera lenta
Sinto meus pés descalços tocando o chão
Sinto minha visão ficar turva
E tudo deixando de existir
Eu tô agora no meio do nada
Me sinto afogada nesse mar de lágrimas
Sem esperança de poder ver novamente a luz do sol
Sinto na minha garganta a água querendo me sufocar
Mas tudo bem, é tudo bem...
Eu tenho meu pintinho amarelinho, uma mesa sobre minha cabeça,
Eu posso dormir do lado da cama do meu tio,
Chorar bem baixinho
E o mais importante...
Bem, não tenho resposta pra tudo, nem palavras.
(Poema: Por um abandono)(Bianca)*

Gostava de pegar esse poema e ler no muro do cemitério quando ninguém estava por perto, depois de ler várias vezes, colocava-me em pé no muro e pulava para dentro de cemitério, o objetivo era conseguir voltar antes que o poema terminasse. Às vezes tudo que eu fazia era repassar essas palavras na minha cabeça enquanto eu caminhava para algum lugar, na maioria das vezes era a caminho da padaria dos meus avós.

Nem tudo era ruim, eu tinha amigos, comia fruta no pé, tomava banho de igarapé quase todos os dias, fazia pão com meu avô, colhia pimenta na época de colheita, pescava com amigos, corria atrás dos garotos para brigar com eles, porque insistiam em me apelidar de “caga pão”. Até hoje não entendo o porquê de me incomodar tanto com esse apelido, afinal, eu morava numa panificadora com meu avô. Mas a minha atividade preferida era pegar o velocípede da minha prima, rosa com verde-água, para atropelar e

matar ambuá⁵ no posto ao lado da panificadora, eu passava as tardes conversando com seu Abel, um vigilante, falando sobre meus devaneios e sonhos, sobre as viagens que queria fazer e sobre a conquista da tal liberdade, apesar de que ele nunca me perguntou do que eu precisava ser liberta; se ele o tivesse feito, talvez contasse sobre as violências sexuais. Amava ir ao fundo do posto pegar cana de açúcar para chupar, colher abacate e comer com açúcar. Gostava daquele tempo que não tinha energia elétrica e tudo era na lamparina que eu observava minha avó mesmo confeccionar (foi bem útil na disciplina de Dramaturgia da Luz, na graduação).

Não sai da minha mente, um dia em que minha vó estava limpando o armário de colocar o pão e um arame enganchou no olho dela, eu fiquei nervosa e corri para o pequeno pimental⁶ onde vovô estava roçando para o novo plantio:

- “Vô, a vovó tá pegando choque!”

Ele correu até a padaria e arrancou a vovó do banco em que ela estava em pé, e foi rasgando a pálpebra que ainda estava engatada. Ela foi parar no hospital e até hoje eu carrego a culpa de uma comunicação errada, afinal, ela não poderia estar pegando choque pelo fato de não haver energia elétrica; era um erro geográfico meu, pensando estar na capital. Ela, minha avó, sempre me acalmou dizendo que a culpa não era minha e me abraçava quando eu chorava por culpa.

*Eu sou toda desengonçada
Feri quem não devia
Mas vi por mim que não é por mal
Eu nunca feriria uma alma tão cintilante
Afinal, fadas estão aí para ajudar
Eu as vejo
Azuis e brancas
Às vezes parecem insetos
Outras umas humaninhas
Tem orelhas como as dos duendes
E cintilam*

*E para não contar a ninguém a sua existência elas me deram a maior de todas para que eu
pudesse ver e aprender a ser um ser mágico
Por isso não a machucaria, nunca!
(Poema: um dia de pecado)*

⁵ **Am·bu·á** (tupi *ambu'a*) substantivo masculino. [Zoologia] Designação vulgar dada a vários animais artrópodes miriápodes, da ordem dos diplópodes, de corpo cilíndrico, geralmente preto ou .marrom escuro, e dois pares de pernas em cada segmento. = EMBOÁ, EMBUÁ, PIOLHO-DE-COBRA "**ambuá**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/ambu%C3%A1> Acesso em: 21 Nov. 2019.

⁶ Substantivo masculino - Lugar ou campo plantado de pimenteiros. Dicionário informal *online*.

Foi assim que passei a me penalizar. As coisas que escrevia traziam meus pecados e com isso eu poderia refazê-los e me punir. Sempre no muro do cemitério; pulando o muro e sentando em tumbas. Conversando com quem não estava em vista, todavia estava no sentir.

Existiam horas mais esperadas em casa, como por exemplo, o momento em que o vovô dormia, de meio dia à uma hora da tarde, ele deitava no chão de madeira, ao pé da cama, e pedia para “catar as costas” dele, isso significava estourar bolinhas até ele dormir e então eu poderia dormir ao lado dele, naquele chão havia brechas que deixavam um ventinho entrar. Este começou a ser motivo de brigas quando mais duas primas passaram a morar com a gente, era uma confusão para saber quem o “cataria” para ganhar o direito de dormir ao lado dele. Para acabar com a briga ele dividiu a “catação” em três: “K” ao lado direito da costa, conseqüentemente lado direito para dormir; “J” ao lado esquerdo da costa, para dormir ao lado esquerdo do vovô; mas e eu? Ele me colocou pra tirar cravo do nariz, onde deveria dormir? Bom, passei a dormir na barriga dele.

Por um tempo a divisão funcionou, porém, com o tempo, ele passou a não conseguir dormir com tanta gente em cima, no caso, eu literalmente. Então, passamos a fazer a corrida do meio dia, a primeira que chegasse no local da dormida, ficava com as costas e teria o direito de dormir com ele, as outras que procurassem um outro lugar. Era bem raro, a partir dessa decisão, eu conseguir dormir com ele. Sempre correndo por um lugar, seja um lar, seja para dormir ao lado do meu avô, seja para não ser estuprada de novo.

*Quando eu deito aqui sinto as brechas me ventilando,
elas me tocam onde ninguém jamais tocou e isso é bom.
Sinto a pele do meu avô, a sua quentura, mostrando o quão vivo ele está.
É uma mistura de vivo e morto.
Ele e eu.
Quente e frio.
Dormindo e acordada.
(Poema: ele dormiu)*

Com todas as alegrias e atropelos que aconteciam naquela pequena vila a penumbra continuava anuviando minha cabeça. E eu refletia no muro do cemitério, cada vez que eu via alguém descendo a cova. Aquela multidão acompanhando o caixão até a cova... Eu imaginava como seria quando chegasse o meu momento, pararia aquela vila como algumas vezes acontecia? Ou somente minha família? Ou nem todos da minha família? Eu teria uma cova? Uma lápide? O que estaria escrito? Eu teria uma coroa de flores? Alguém choraria por mim e não apenas pelo momento reflexivo que um funeral nos causa? Foi a partir disso que aquele pensamento foi me minando lentamente, como um câncer.

- “Vem buscar essa menina antes que ela suma, tá se comendo como urubu.”

*E mais uma vez esse bicho me persegue, urubu
Devia aceitar que sou uma ave que come morto
E se pensar por esse lado: é real!
Afiml, estou nesse cemitério de novo
Esperando mais um corpo
Eu como com os olhos e ele com o bico
Mas os dois se alimentam de coisas apodrecidas
Eu me alimento de mim mesma
Não preciso dizer o porquê
(Poema: quando ela se deu conta que era um urubu)*

Uma prática a qual me habituei é a de arrancar pedacinhos em mim. Iniciou-se com um cascão de ferida inofensivo e a partir desse dia, passei a sentir prazer em ver o sangue sair e sentir uma dorzinha aguda. Nada pra matar, porém um alívio. Com o tempo, tornou-se maior, uns beliscões que faziam a ferida, sangrava, doía ao toque e principalmente com água. Era disso que eu precisava, alívio e de quebra eu ficaria tão nojenta que ninguém se aproximaria do meu corpo. Agora a única pergunta que escuto é: tu tiveste catapora? As vezes respondo sim por vergonha e as vezes eu me calo, por vergonha também; entretanto sigo me arrancando.

«Me
Alimentando
De
Mim:
Carne
Podre».

Então realizei a primeira tentativa de suicídio, naquele quintal que ao fundo tinha o cemitério. Estava sozinha em casa, peguei uma corda azul que a vovó havia comprado para atar rede; caminhei até o quintal, subi na mangueira, amarrei a corda no tronco e depois no pescoço e pulei, mas caí no chão, até um tempo desse eu imaginava que a corda tinha arrebitado, mas hoje eu sei que eu só não amarrei direito. Eu tinha sete anos e acabara de voltar das férias. Eu chorei por mais um fracasso.

Duas semanas depois, a beira da estrada, indo da padaria para o colégio, no km 18 da vila do Guarumã, uma carreta de fruta passava e eu me joguei no meio da rua, mas o motorista foi mais rápido e desviou, indo embora sem olhar para trás. Foi a segunda tentativa.

Fui para aula como se nada houvesse ocorrido, simplesmente porque esta era a realidade. Resolvi não tentar mais, pelo menos não na casa de meus avós, eles não mereciam isso.

3.2 CAPITAL

Todos os meses de julho e dezembro levavam-me àquela casa, tinha semanas em que ficava com minha avó paterna, mas minha maior estadia era lá. A princípio, era só minha mãe, o marido dela, minha irmã e eu, no mesmo quarto. Eu dormia na rede em cima da cama. Meu padrasto é um vendedor ambulante do Marajó, logo quando ele viajava, passava as roupas e preparava a mochila pois passava dias na ilha. Ele aproveitava para fazer isso na madrugada, na beira da cama, com uma mão passava roupa e com a outra passava e enfiava a mão em mim. Naquela rede. A mão geralmente era gelada e tremia muito.

Quando a minha avó paterna podia, levava-me para Bragança, casa da bisavó: só pensava em liberdade, mas tudo que tinha era o desprezo da dona da casa, nunca boa o suficiente, nunca quieta o suficiente, o melhor era não existir. A bisneta preferida não estava, então para quê ser boazinha?

- “Não gosto mesmo, e ninguém pode me obrigar a gostar”.

Então, mesmo com praias e passeios, eu preferia ficar na casa do estupro, porque nesta eu tinha uma missão e importância. É FODA pensar que eu preferia ser quista nem que fosse pra ser violentada que ter de lidar com a rejeição mais uma vez. E pensando nisso, vejo que muitas coisas seriam diferentes se eu recebesse pelo menos um sorriso. Mas eu cresci e tinha irmãos para proteger, isso me lembra que ainda não contei o motivo de ter aceitado tudo isso.

Bom, eu sentia coisas enquanto estava dormindo, ao lado da minha mãe e da minha irmã. Eu me mexia e tudo parava, depois voltava. Então veio o primeiro flagra, eu ia gritar e gritei, mas a mão dele tapava minha boca e elas tremiam, sempre tremeram. Eu fiquei quieta quando ele começou a dizer “só tô cuidando de você e se você for uma boa menina eu nunca mais bato na sua mãe”. Cresci vendo minha mãe apanhar daquele homem.

Certa vez o pátio estava escuro e todos estavam sentados contando histórias de terror, esperando a energia voltar, quando de repente eles começaram a discutir e todos se retiraram da sala, enquanto eles ficaram brigando e então começaram a se bater e ele estourou a boca da minha mãe. Eu gritava e tremia, até que o irmão dele carregou-me pela cintura e afastou-me, mas em meio à escuridão, vi o sangue descer. Portanto, ficaria muito feliz se minha mãe se livrasse dessa situação, mais ainda se aquilo não acontecesse de novo, só tinha que ficar

quietinha, com as pernas abertas.

*O escuro antes me intimidava, mas agora eu consigo ver nele.
 Vejo sangue
 Vejo almas
 Vejo gente
 É sempre muito barulhento, nunca sei como vou sair de lá
 Eu pensei que tudo ficasse escuro quando não tinha luz
 Mas percebi que a escuridão vem de dentro
 Ela subiu do meu centro até meus olhos
 Como uma coruja estou de vigia
 Mas não para comer
 Mas para não ser comida
 (Poema: minha escuridão)*

Depois os motivos foram ficando maiores, se eu não ficasse quieta, ele “cuidaria” da minha irmã, depois nasceu meu irmão e ele também seria alvo, depois mais um... Eu tinha quatro bons motivos para ficar quieta e calada.

Quando éramos quatro – o mais novo ainda não tinha nascido e nem estava na barriga – minha mãe levou meu irmão até uma consulta, ninguém estava em casa. Ele mandou minha irmã e eu tomarmos banho no quintal, fomos, nos divertíamos com uma piscina pequena e redonda, laranja com desenhos.

Chegada a hora de sair do banho, ele carregaria as duas para dentro. Eu fui a primeira, ele pegou a toalha e me enrolou, me carregou até o quarto de casal, me colocou na cama, desenrolou a toalha e tirou a minha calcinha molhada, abriu minhas pernas e meteu a cara ali. Ele dizia: “fica caladinha que a “X” tá brincando, pra ela não vir aqui ou eu vou brincar com ela”.

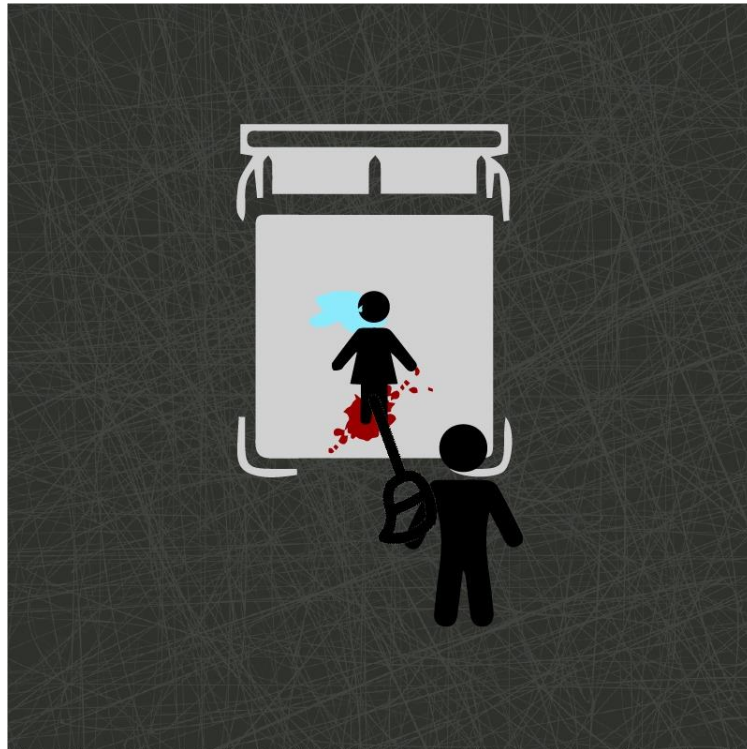
*Os dias de praias não estão na minha lista de liberdade
 Nem os de piscina
 Na praia pago o preço de nunca ser amada
 Na piscina pago o preço de ser desejada
 Já o igarapé só pede minha proteção
 Eu e ele
 Uma água clara
 Rasa
 Sem correnteza
 Com mínimas surpresas
 Frio
 Eu e ele
 Nós e a mata
 Só um
 Sem preço e nem troco.
 (Poema: igarapé pra quem é de igarapé)*

Com o tempo, eu sentia quando ele estava voltando de viagem, meu corpo se tornou um identificador para a presença dele. Antes de ligar, meu corpo avisava, ficava melecada na vagina e minhas pernas tremiam, pois já sabia, e quando tocava o telefone e confirmava que era ele, tomava banho. Queria tirar minha sujeira, aquele dom de saber que ele estava chegando era nojento, sujo, imundo, imoral, doloroso. Ia dormir mais cedo. Mas não adiantava, a madrugada chegaria e com ele o cuidado.

Quando fiz 11 anos, menstruei pela primeira vez, e até então ele nunca tinha me penetrado com o pênis, só com um dedo ou dois e com a língua. Mas agora, pedia-me que gozasse pra ele, e eu não sabia o que era isso até começar a namorar e meu namorado pedir isso também, com 16 anos. Passei a evitá-lo, não diretamente, afinal se eu dissesse não, me deixaria para sempre, mas pegaria meus irmãos.

Quando o quarto ficou pequeno para seis pessoas, minha irmã e eu fomos realocadas para o quarto escuro. Este era do falecido irmão dele; quarto escuro porque não tinha lâmpada, só tinha uma cama de casal, um armário e uma janela, que na verdade era pra se colocar um balancinho, mas dava direto para o banheiro. E aquele passou a ser o lugar onde ele me via. Pegava a vassoura e me penetrava. Mesmo com a filha dele dormindo ao lado.

Figura 5 - Mãos elásticas



Fonte: Designer Leonardo Mendes

Depois que esse quarto passou a ser meu e da minha irmã, abriram uma janela que dava para a cozinha. E no dia que minha mãe foi ter meu irmão mais novo, ela me disse “tranca a porta com a máquina de lavar e vai dormir com tua irmã”. Mas ele pulou a janela que era aberta. Nessa noite eu não senti nada, eu não estava em mim, tinha comido a comida que ele me ofereceu. Quando acordei de manhã estava sem meu pijama, estava jogado ao lado da cama, no chão. E eu estava sangrando. Foi a experiência mais assustadora para mim, porque eu não vi nada, não senti nada. E não estava assustada pelo que eu sentia, ou melhor, pelo que não sentia, mas por não ter certeza se aconteceu só comigo ou se também acontecera com a minha irmã que estava ao meu lado.

Havia dias em que estava cansada e brincava com a sorte, dizia NÃO, então ficava com fome. Era obrigada a ver todo mundo comendo e eu ao lado da mesa, sentindo o cheiro daquela comida que fazia meu estômago dar voltas. Todos perguntam: “E tua mãe não via?”. Bom, quando ela era do “mundo”⁷ eu não passava por isso, porque ela brigava, ela partia para cima, batia, gritava, todavia após a sua conversão, muita coisa mudou para mim e esse foi uma das...

Os pontos positivos:

- + ela deixou de beber e fumar;
- + deixou de ir à festa e me deixar sozinha.

Os pontos negativos:

- Ela passou a viver na Igreja, possibilitando mais estupros;
- Se tornou uma mulher submissa;
- Não tinha coragem de sair de casa, nem de largar o relacionamento abusivo;
- Deixou de cuidar de si mesma; e
- Vivia orando e chorando pela mudança do marido, que certamente não mudou.

Não vou colocar mais pontos positivos e negativos porque o fato que constatei foi que a Igreja a mudou negativamente, com o discurso de “sei que tem mulheres que apanham em casa, irmãs vocês têm que orar para que o diabo deixe o marido de vocês”, “Deus está escutando sua oração pelo marido que foi embora, não desistam que Deus está enviando uma resposta para vocês, sejam fiéis e persistentes”, “Deus tem visto suas lágrimas, mas seja forte e corajosa”, “Deus vai libertar teu filho e tua filha das garras da pombagira”⁸, entre outras falas machistas, sexistas, homofóbicas e encorajando o sistema a continuar com a violência

⁷ Nomenclatura dada para aqueles que não são da Igreja evangélica.

⁸ Na Igreja evangélica é relacionado ao demônio que faz com que as mulheres sejam libertinas – que saiam com muitos homens no mesmo dia, semana ou ano -, que sejam lésbicas e os homens sejam gays.

contra as mulheres. Não estou dizendo que a Bíblia apoiava isso, mas nas Igrejas onde eu estive e frequentei, esse era o discurso, e apesar de não concordar com essas falas, tinham outras que me mantinham seguras.

Por exemplo, eu gostava de viver em vigílias, porque lá eu não tinha que ir dormir no meu quarto e passar por mais um estupro. Então, tive um crescimento espiritual que me fez ser pregadora da Palavra, onde eu lia a Bíblia e levava a mensagem de Deus, mas ganhei a inimizade dos pastores por não ter esse discurso machista. É claro que nem sempre eu era certa com os meus discursos, e muitas vezes feriam a humanidade das pessoas ao meu redor.

Quando comecei, também tinha discursos machistas, mas em seguida eu percebi como aquilo me feria, pensei que feria as outras irmãs também, por isso mudei. Entrei para o coral, virei levita⁹, cuidei do coral das crianças, onde trabalhei a interpretação através de cenas, de musicais; depois cuidei dos jovens, com a parte do louvor também. Comecei a fazer missões, pregando em outras Igrejas para jovens.

O meu testemunho de vida era “já fui prostituta, a pombagira me dominava, ficava com vários meninos”, nesse momento, tinha somente 13 anos e no máximo tinha beijado, de selinho, três garotos. Mas o discurso da Igreja me fez ter uma distorção da minha própria vida, ao invés de contar minha história de vida, eu tinha que me mostrar como uma pessoa horrível que foi convertida e salva por Deus. E era aplaudida de pé quando isso acontecia.

Esse foi um dos motivos pelo qual larguei a Igreja. Ela despertava meu pior lado, um lado de mentira, reforçava a máscara que vesti, uma grande mentira, era um teatro que não libertava, mas me aprisionava cada vez mais. E não era a única, mas uma igreja inteira, uma grande mentira.

Quando comecei a namorar, tinha 14 anos, encontrei no “R” aquilo que eu precisava para me libertar; ele me entendia; contei para ele a minha verdade; quem sou, os medos, dúvidas; mergulhei de cabeça nesse relacionamento. E apesar de ele vir do mundo do crime, ele era minha melhor opção. Claro que ninguém na minha família aceitou, mas eu o encontrei na Igreja. Enquanto ele dava seu testemunho de vida, eu via nele minha liberdade. Me aproximei, criei possibilidades de aproximação. O beijei:

*Naquela noite em que você veio se despedir
E em meio a risadas nos despedimos, mas querendo ficar
Tanto que voltou para pedir água
Uma grade nos separava
Fui até o bebedouro*

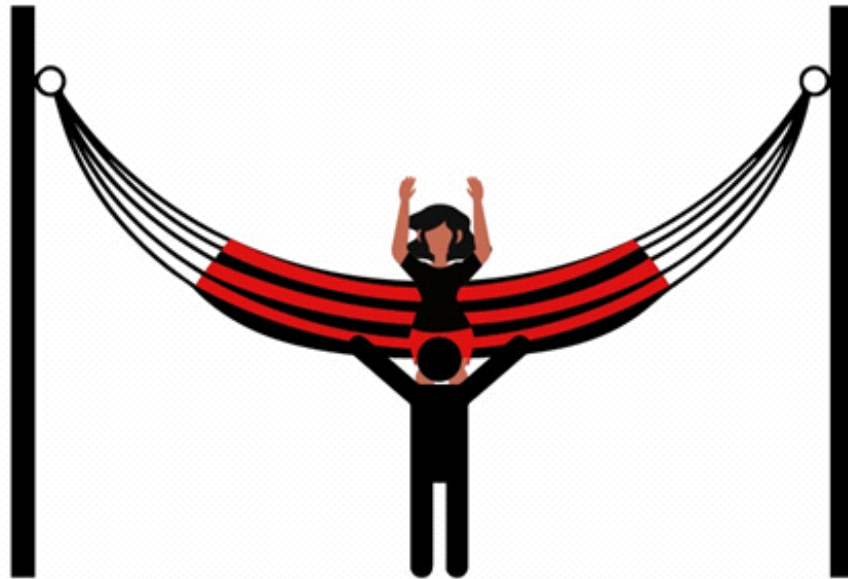
⁹ Cargo na Igreja que identifica os que cantam, ou louvam. Adoram a Deus através de louvores e cânticos.

Minhas pernas tremiam
Minha cabeça girava num só pensamento:
“Não deixa ele ir”
Te dei a água
Você bebeu e se virou para ir
Meu coração saltou no peito
“Ei! Quero te dizer uma coisa”
É, eu não disse nada
Só te beijei
Na frente daquele que sempre me amou em segredo
Mas eu nunca o vi
Sempre quis você
Sua boca estava gelada
Mas aqueceu meu estomago
Fazendo com que todas as borboletas voassem
Em uma só direção
Meus olhos
Se transformaram e transbordaram.
(Poema:Primeiro beijo)

Mesmo sabendo que o melhor amigo dele gostava de mim, o escolhi, por ter certeza que era minha chance de ir embora. De certa forma eu não estava errada. Quando comecei a namorar com ele os estupros diminuíram, indo quase a zero. Até que um dia, tinha 15 anos, o “P” (marido da minha mãe), tentou mais uma vez me tomar à força. Eu disse que não, corri para onde o culto estava acontecendo – onde nós morávamos passou a ser uma Igreja na frente, onde era o pátio – e quando corri ele fechou a porta no meu braço, fazendo um hematoma. No outro dia, passeando com meu namorado, ele me abraçou e tocou onde estava machucado fazendo com que eu reclamasse de dor, ele perguntou o que tinha acontecido e o falei que tinha batido o braço, ele olhou e viu o roxo. Perguntou mais uma vez o que tinha acontecido, então falei a verdade. Ele ficou furioso e jurou que o mataria. Algumas vezes me arrependo de não ter feito isso quando tive oportunidade. “R” foi para casa buscar uma arma jurando voltar, liguei para o melhor amigo dele contando o acontecido e pedi que ele o impedisse de ir em casa. Ele o trancou no banheiro da casa.

No outro dia, bem cedo, fui na casa da irmã “N”, contei toda minha história e pedi que ela me acompanhasse até a delegacia porque eu tinha medo de ir sozinha e não acreditarem em mim. Ela pediu para contar para o marido “C”, eles me ouviram, choraram e tomaram a pior decisão da minha vida, eles não me levaram para delegacia, mas chamaram minha mãe e contaram o que eu queria fazer e ela me levou para casa, chorou, me pediu perdão e jurou que nada mais aconteceria. Entretanto, sabia que não era verdade, afinal, quando eu tinha 10 anos ela tinha visto ele abusar de mim, na rede e nada mudou...

Figura 6 - Um filme de comédia/trágico - não é o que você está vendo



Fonte: Designer Leonardo Mendes

Eu tinha ido assistir Bob Esponja no DVD com minha irmã, na sala, a “X” acabou dormindo, minha mãe dormia com o meu irmão “L”, pois ainda era um bebê. Ele foi até a sala, sentou no sofá debaixo da rede e me tocava. Até que minha irmã dormiu, ele então levantou, abaixou minha calcinha e me lambeu, pegando nos caroços que chamava de peitos. Minha mãe acordou no quarto e levantou, deixando meu irmão “L” dormindo, foi até a sala, ligou a luz e gritou. Eu fingi que dormia, eu não sabia como agir, mas quanto mais alto ela gritava mais gente acordava na casa, então comecei a chorar; minha irmã chorava, a mãe dele que dormia no quarto ao lado da sala acordou e perguntou o que tinha acontecido, minha mãe gritava, me pegou no colo e eu pensei: “fui salva, para sempre, acabou.” me levou para o quarto dela, com meu irmão, depois levou minha irmã, e gritava: “vou te denunciar, vou chamar a polícia”. Mas o inesperado aconteceu, ele levou minha mãe para o quarto escuro, o quarto deles era de frente, as duas portas estavam entreabertas, eu o vi colocando-a sentada na cama e os dois conversaram, eu acalmava meus dois irmãos dizendo que finalmente tudo tinha acabado, adormeci. No outro dia, tudo estava normal, ninguém mais tocou no assunto.

Por conta desse episódio, tinha consciência do que me esperava quando chegasse em

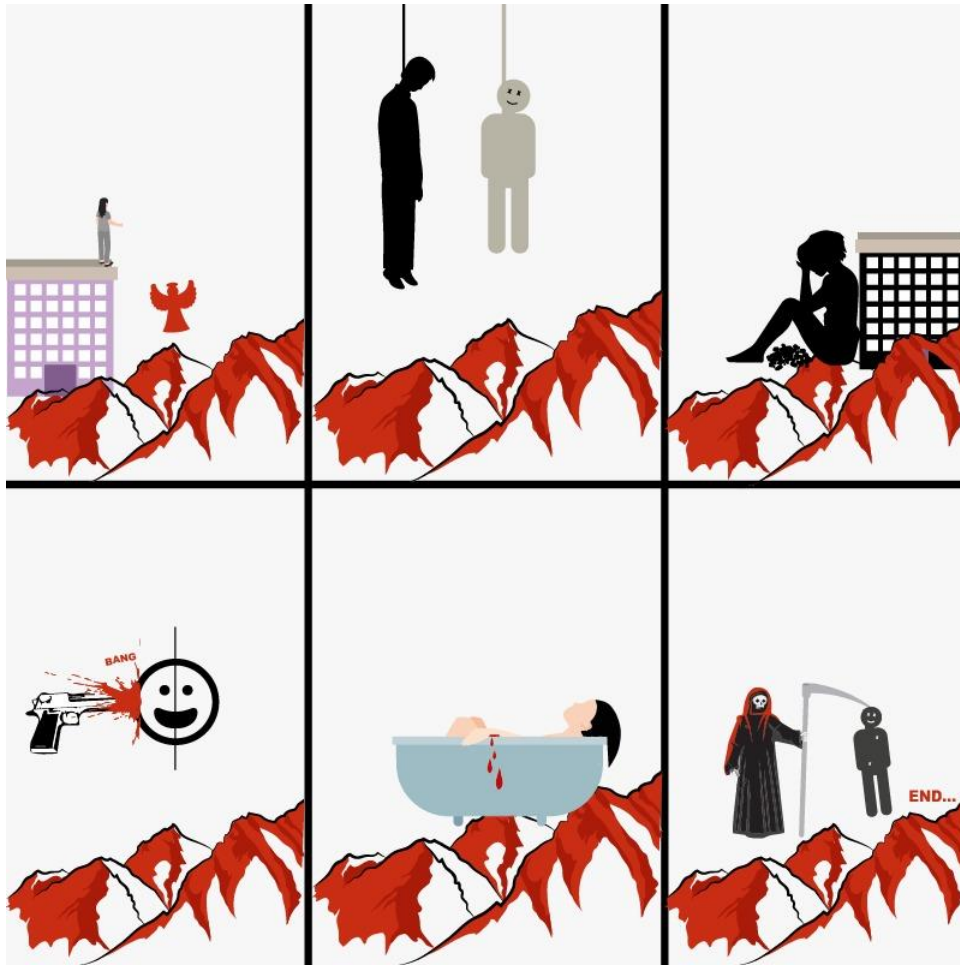
casa com a mamãe, depois dos irmãos ter me entregado para ela. Fui em silêncio durante o caminho. Primeiro vinha a nossa casa, depois a casa dos irmãos e andando mais um pouco a delegacia. Chegando em casa, fui pro meu quarto e arrumei minhas coisas, mandei mensagem pro meu namorado pedindo para ficar uns dias na casa dele até achar um lugar para morar, ele falou com o pai dele e o pai dele disse para ele me levar para uma casa e ele pagaria o aluguel desta, mas que no momento não tinha ninguém. Fui até o quarto da minha mãe e falei tudo que estava engatado na garganta, perguntei o que o “P” havia dito no dia em que ela o viu durante o ato, e ela contou que disse que se eu soubesse que ele tinha tocado nos meus irmãos iria matá-lo. Eu disse que estava indo embora e que nunca a perdoaria. Ela chorou e me pediu uma semana para ir comigo também. E assim foi, depois de uma semana, minha mãe, meus irmãos e eu fomos embora. Ela se separou dele.

Mas se você me perguntar quanto tempo isso durou, eu te direi, uma semana. Depois de uma semana nos mudamos da casa do pai do meu namorado e fomos para uma casa alugada, ao lado da casa dos irmãos que me entregaram para mamãe. Depois recebi a notícia que estava grávida - próximo capítulo – veio o aborto, logo após recebi o resultado do Enem... Não tinha passado em Medicina – no mesmo ano que passei em Enfermagem na UEPA – foi tudo muito rápido e uma notícia atrás da outra, não tive tempo de respirar.

Previendo que dentro em pouco devo dirigir-me à humanidade com a mais séria exigência que jamais lhe foi colocada, parece-me indispensável dizer que quem sou. Na verdade já deveria sabê-lo, pois não deixei de “dar testemunho” de mim. Mas a desproporção entre a grandeza da minha tarefa e a pequenez no fato de que não me ouviram, sequer me viram. Vivo do meu próprio crédito; seria um preconceito, que eu viva? (BENNINGTON, 1996, p. 80 *apud* DUQUE-ESTRADA, 2009, p. 97).

Parecia um crime, mas foi quando tomei a decisão de fazer o que sempre imaginei quando meus poemas acabavam de ser recitados e a cena tinha terminado; suicídio. Passei uma semana recolhendo remédios na casa da mãe do papai. Quando julguei ter o suficiente fiz o desenho: o quadro da morte.

Figura 7 - Todas as formas me levam a um lugar: de descanso



Fonte: Designer Leonardo Mendes

E como Artaud escreveu em “A minha irmã e eu”:

Destituído do meu derradeiro céu da ilusão – o poder das ideias – contemplo o “vazio” com terror, mas assim mesmo me apego à vida, pois só viver me resta na destroçada paisagem do intelecto.

Todo raciocínio é uma forma de decepção própria, mas em estado de euforia não consigo examinar-me, julgo possível encontrar a felicidade no reino da morte, totalmente dissolvido no Nirvana. Oh! Estar vivo, vegetar estupidamente mas assim mesmo estar vivo e sentir o calor do sol!

Na ausência de todo desejo ainda sobra o desejo de viver, mesmo que cada hausto seja agonia e a morte contenha a promessa de curar a dor. A morte está em nosso poder, mas não a vida; e como a vida nos repele agarramo-nos a ela num firme desespero, como a criança que empunha uma lâmina de aço. Agora luto pela vida com o mesmo pânico cego com que lutei nas entranhas da minha mãe, pois só de pensar na existência me faz medo. Anseio, porém, por entrar na luz do dia. (ARTAUD, [s.d.], p. 57 *apud* DUQUE-ESTRADA, 2009, p. 103).

Fui para escola com a bolsa cheia de medicamentos, fiz o mesmo trajeto, fui na casa da vovó tomar café, depois fui para escola, pedi licença para a professora de Geografia, fui até

o refeitório, tomei todos os remédios com água e voltei para sala. Bateu a campã do intervalo, sai da sala, caminhei até o auditório, nada dos remédios fazerem efeito. Quando de repente minha visão ficou embaçada e eu senti medo da morte. Corri até o Laboratório de Ciências, com o professor “M”, contei o que tinha feito e como estava me sentindo. Ele me colocou no carro dele e me levou até a Unidade de Pronto Atendimento mais próxima. Ao chegar, eu suava frio, meu estômago dava pulos e eu tremia de medo. Levaram-me rapidamente para um quarto de emergência, os médicos discutiam qual procedimento seria o mais adequado, olhei em volta e vi um homem entubado, cheio de fios ligados a ele, uma máquina apitava mostrando seu coração pulsante. Desmaiei. Acordei com eles enfiando um tubo no meu nariz e ali se iniciava a drenagem por sonda nasogástrica.

No equipamento que fazia sucção estavam algumas pílulas, mas também havia muito sangue. Eu ia e voltava, então eles começaram a colocar aqueles fios em mim... Ouvei uma música – Garotas não Merecem Chorar – e a seguir voltando a mim, me vi lutando mais uma vez para viver, eu só queria parar de sentir dor, e não era da física que eu estava falando, mas a do coração. Quando fui para sala de observação, fiquei no soro, a enfermeira disse para minha mãe que iriam chamar a Assistente Social. Mas ela não nos encontrou mais. Minha mãe me arrancou do soro e me tirou do hospital. E como Artaud (2017, p. 44) disse: “Só há perigo absoluto para quem toma o gosto de morrer” Pensei que seria sempre assim, que eu tinha tomado gosto pela sensação de quase morte. Mas descobri um jeito de morrer e continuar viva, através do teatro.

Passei os dias encenando meu fim de vida, até que a vontade de morrer cessasse. E então sobrevivi, um dia de cada vez. Todas minhas feridas começaram a ganhar curativos.

4 OS CURATIVOS

Um dos meus curativos começa em reflexo à minha primeira dor, com um amontoado de celulares se formando e histórias rolando, mas nenhum diminui a potência do outro. O que mais enfatizo é a cicatriz que percorre meu corpo e alma, é o que me liga ao céu e me devolve ao inferno, segundo a Bíblia (1Sm 2:6): “O SENHOR é quem tira a vida e a dá; faz descer ao *céu*, à sepultura, e da morte resgata.” Porém, não tirou a mim e ao Miguel da morte.

Em seguida, nos deparamos com um desaguar em uma cena de apenas cinco minutos que reflete minha pesquisa em meu corpo atravessado e costurado. Vivi, morri, resisti, insisti, existi:

[...] A potência de existir [...] e nessa mesma pista diríamos cotidiano. Escoamento e devir [...] o sujeito, o corpo mesmo experimental acumulado das merdas deste mundo. O jogo ininterrupto do que se nega na história do conhecimento. [...], mas o que sobrou era o que de válido havia para se instar de tensão a condição de nossa existência (PINHEIRO, 2016, p. 92-93)

Estar vivo, ter um corpo, ações, vitalidade, vivacidade, dualidade, ser composto por tudo e não ter nada, ser

N(ova)

A(fligida)

D(ois)

A(bandonados)... Deus tenha pena de nós! Não! Não tem, que se foda todos! Tu, eu, nós. Duas pobres almas impuras, navegantes, existentes e insistentes. Sejam corpos, sejam cascas, sejam pós (graduado e doutorado, quero!).

Quando me deparei com a disciplina Dramaturgia do Ator procurei desesperadamente uma cicatriz que fosse em (des)encontro a tudo que eu já tinha dito ou escrito da (des)graça na minha vida; queria algo que me tocasse da forma mais feliz possível, passei pelas histórias do abuso, do abandono, da violência doméstica, das mudanças de casas, das obrigações de uma criança-adulta e nada me vinha... Foi uma semana inter(minável) com o comando do professor PS na cabeça: “me tragam uma cicatriz que te

A T R A V E S S A

Todavia, desejava algo inédito, exclusivo.

No momento da fala, minha mente já tinha me levado ao que direi mais na frente. E mesmo assim me negava a trazer mais uma desgraça pra dentro da sala. Na hora de falar: “ah e daí? é isso que eu sou! Não, não só”.

A pesquisa em arte pelo hábito entontecido da Anarcometodologia, lugar dos distúrbios possíveis que agencia corpos, um corpo outro teórico-conceitual que beire o descalabro de sua natureza. Pensada até o estágio elevado de desrazão violando normas e formas. A demência e insanidade que o objeto alimenta no corpolouco do mundo. A pesquisa em vias de desacordo com o real. Nada hipotetizar, nada entender, nada explicar, nada concluir. Apenas vagas por territórios inóspitos e deles extrair vazios. O vazio em sua potência transgressora. O nada e sua força de destruição. A resistência pelo descontrolo que a palavrimagem em dispersão e pulsação é capaz de forjar. As angústias do contemporâneo extraídas no corpo do objeto e transformadas em guerrilhas localizadas contra a lógica do pensamento exato. O massacre do verbo entender. A morte do verbo explicar. (PINHEIRO, 2016, p. 74).

Então começo a estudar o vazio do meu corpo, da minha alma, uma cicatriz que me atravessa desde as pontas dos pés até as raízes do meu cabelo, pois: Já fui mãe! Começo a observar esse corpo louco, esse corpo violado por um outro aspecto, pois tudo que ficou depois da perda do meu filho foram as insanidades: visões e vozes, que mais tarde seria diagnosticada como episódio de esquizofrenia (o qual foi tratado e parece que o quadro regrediu para a cura). Mas as dores, os resíduos continuavam passeando e percorrendo todo meu corpo, antes minúsculo agora **maior**. Resolvi ressignificar. Obviamente, o trabalho é contínuo e demorado, um passo de cada vez, e o primeiro passo é falar. Uma dualidade do “estou bem” para o “quero morrer”.

Pois a pior coisa é não entender o porquê de tal fato ter acontecido com você, isso me

faz(ia) perder noites e dias pensando, num quarto, numa cama de solteiro, batendo com os nós dos dedos nas paredes, à beira da loucura. Como Pinheiro, (2016, p. 74) diz: “é um massacre entender, a busca do porquê é tão dolorida que deixa mais marcas do que a própria ferida” - penso por agora assim. Por isso, aqui e agora eu declaro o fim das minhas explicações, pois não importa que roupa eu estava, não importa que religião eu tinha, onde estava ou que horas eram, o que importa é que aconteceu e feriu, despedaçou e hoje eu conto para quem interessar, que: Já fui mãe!

4.1 CICATRIZ

"O seu lado maternal aflora para todos os aspectos da sua vida. Mas você não é mãe do mundo" (Dr^a Carmem, minha psicóloga, 2019).

*Um mês e o tempo voa, eu já sou
E você nem descobriu*

Aos 15 anos descobri que estava grávida. De quem seria? Do meu namorado ou do homem que abusou de mim por mais de 10 anos? Com meu namorado eu tinha escolhido me deitar, mas com aquele monstro eu nunca escolhi. Na última vez que ele me tocou eu lutei com todas as minhas forças, me debati, gritei, chorei e desmaiei. Acordei com meu corpo todo dolorido e vermelho; mais tarde roxo.

*São dois e chega perto, mas eu ainda sou
Pequeno demais, viu*

Dois meses depois, a surpresa: uma gravidez que atravessava meu sonho de casar e ser mãe, construir minha família.

Minha mãe pensava ao contrário, me disse que eu não estava pensando direito e que eu era muito nova para ter um filho, mas no fundo nós duas sabíamos o real motivo... ser descoberto, pela sociedade, que eu era uma boneca sexual, um trapo, um pedaço de carne. Seria um escândalo. Já imaginou quantas pessoas iriam presas?

A solução mais simples é ABORTAR!

*Três meses e o tormento
Esse teu sofrimento eu também já posso sentir
Vê se quieta o coração, pra quando eu sair daqui*

É isso que vamos fazer, foi decidido e a decisão foi "minha". Foi tão minha, que todos os dias eu era forçada a tomar todo tipo de chá abortivo = o primeiro golpe dele em forma líquida, uma grande quantidade de chá de cabacinha a coisa mais amarga que eu voltei a experimentar; agora experimentado pelo meu montinho de células em apenas doze semanas de formação celular, remédios em dosagens altas, segundo golpe; e durante uma semana vivi em cativeiro, sendo forçada a expulsar um bebê de mim, mas nem eu e nem ele desistiria, não tão fácil. Meu corpo já tinha sido corrompido por muito tempo, não deixaria ser novamente, mas eu não tinha força, a cada dia eu ia desvanecendo e meu bebê também.

*Quatro meses tempo, eu te imploro paciência
Eu vim do céu por causa do amor (será?)
(9 meses - oração do bebê, Barbara Dias)*

Já estava com quatro meses quando fui agarrada pela minha tia enquanto minha mãe enfiava uma pílula de *citotec* na minha boca e outra no meu útero, da maneira mais visceral possível. Eu me debatia, sentia cólicas que duravam quase 12 horas e mesmo assim meu bebê lutou até quando eu não lutava mais.

À tarde quando ao invés do feto sair, eu perdia minha vida. Estava gelada, ouvia, mas não conseguia responder, eu via, mas não enxergava. Fui carregada para o quintal para um banho gelado, me botaram em pé e a guerra foi vencida...

Senti entre minhas pernas

Escorrer meu filho,

Eu olhei para aquele bebê

E eu vi seu último suspiro antes de desmaiar.

A vida e morte do meu filho foi através da DOR, do DESPEDAÇO, da VIOLÊNCIA e do RASGAR da minha alma. Pois como Nancy (2012, Indício 12, p. 45) diz: “o corpo [...]. Sente o tempo todo, alguma coisa. Sente tudo o que é corpóreo. Sente as peles e as pedras, os metais, as ervas, as águas e as chamas”. Necessidade ou punição?

No fim só eu fiquei, senti e me tornei minha prisão, como Nancy (2012, Indício 10, p. 44), escreve:

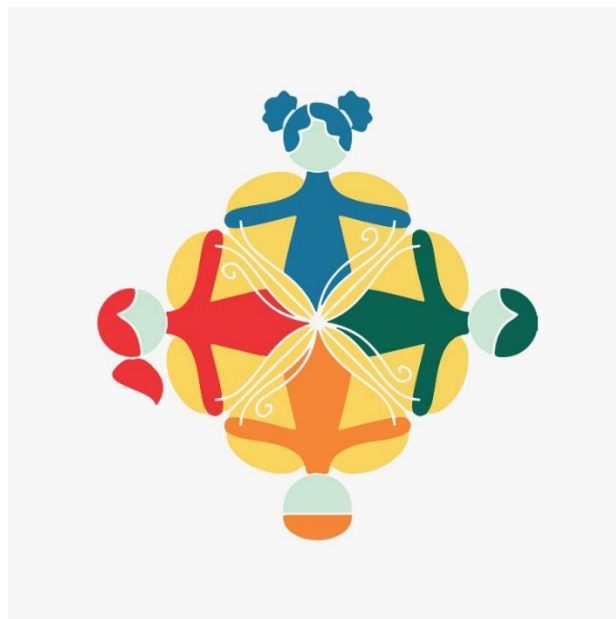
O corpo também é uma prisão para a alma. Ela expia nele uma pena cuja natureza não é fácil de discernir, mas que foi bem grave. É por isso que o corpo é tão pesado e tão incômodo para a alma. Precisa digerir, dormir, excretar, suar, sujar-se, ferir-se, adoecer.” Mas escolhi liberar meu corpo identidade: “Corpo tocado, tocante, frágil, vulnerável, sempre mutante, fugaz, inapreensível, evanescente sob a carícia ou o golpe, corpo sem casca, pobre pele estendida sobre uma caverna onde flutua nossa sombra [...].

Para uma experimentação cênica, devo me permitir ser, sentir, reviver, ressignificar, sobreviver, permitir tudo que antes não podia, era proibido falar, proibido mexer. Entretanto, o teatro vem pra quebrar isso. A fala hoje é: eu quero, então faço, porque posso. Me liberto e me curo. SEM PAFLETAGEM!

4.2 CONSTRUÇÃO DA PARTITURA CORPORAL PARA A CICATRIZ APRESENTADA

“**Inspira**...expira... *forma roda de grupo!* Segurem na mão uns dos outros e vão estreitando os laços” não foi com essas palavras, mas a escrita é minha. Aperta daqui, dali, encaixa os quadris, não deixam um espaço aberto, respira e transforma em uma respiração só. Vai se - pa - ran- do, junta tudo de novo, se pa ra, junta mais umavez, abre a roda.

Figura 8- A Roda



Fonte: Designer Leonardo Mendes

Experimente o corpo; que corpo? Pense no corpo; que corpo? Encene o corpo; que corpo? Que corpo? Que corpo? Ahhh o corpo, mas que corpo? - desculpe leitor esqueci que você estava aqui... Divaguei, como no processo.

Começo na base, respirando, mãos ao lado do corpo que aos poucos começam a girar em sentido horário, ao mesmo tempo que a respiração vai acelerando também dá força ao movimento. Lembrando que o tempo não para; movimento um.

Como um ataque frontal, uma mão que gira avança para frente como quem impunha

uma espada, mas nada mais é do que um ato de ser presa. A dualidade de luta e prisão, vencendo e perdendo; movimento dois.

Para libertar das cordas que amarram a mão que insiste em avançar, puxo para baixo, começando assim, um “bailado”, um pendurado de mãos, que vai de um lado para o outro, começando embaixo, indo para o plano mais alto, até que o movimento seja levado para as costas; movimento três.

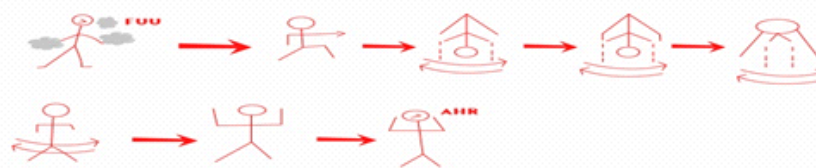
Como num ar de libertação, que soa mais como entrega do meu filho fico uns segundos respirando fundo, buscando ar... Uma busca que a partir desse momento não tem mais fim; movimento quatro.

O movimento três, do balançar de mãos, retorna, com outra energia; a de perda de si. É um buraco que é cavado para o seu próprio fim, mas essa angústia não dura pra sempre. Depois de um tempo volto ao movimento um, os punhos voltam a girar em sentido horário, indicando que o tempo continua passando independente do que aconteceu, pois o mundo não para, mas o meu mundo particular teve um grande vácuo enquanto o mundo continuou girando.

Pensar na carta dirigida ao Miguel é o que impulsionava meu corpo, mesmo que minha mente vagueava pelo momento da concepção; abuso, violência. Logo após, para os momentos de luta; vencida!

O grunhido de dor foi adicionado nos movimentos, na primeira parte: balançar das mãos e depois no movimento jogado para as costas. É um gemido.

Figura 911 - Partitura não corporal de corpo



Fonte: *Designer* Leonardo Mendes

“Atua fisicamente, emocionalmente, altera toda a tua estrutura. O corpo fica todo alterado. Provoca efeitos terríveis” (LIMA, 2005, p. 88), e isso realmente aconteceu, eu achei que não. No exercício, senti meu corpo sendo tocado novamente, machucado, amarrado, sendo aberto, amado levemente e usado ferozmente, posto em dúvida, fertilizado, abençoado na maldição ou na bênção, foi tudo tão novamente que não podia deixar de repetir novamente...

“Eu senti como a AP, senti no meu corpo, eu revivi, sabe? Essa experiência, cada toque, cada baque, cada... não sei se ficou claro na cena, mas pra mim ficou muito claro no meu corpo, sabe? Na minha vivência, na minha carne. Tanto que eu... quando eu sai... saí me tremendo e a minha energia ela estava assim ‘meu Deus o que eu vou fazer?’ aí eu ficava dançando. [...] eu me achei, mas eu me perdi” - trecho da minha fala na aula depois do exercício acima.

Depois desse dia minha menstruação não veio, durante duas semanas eu senti cólicas terríveis, meu corpo começou a apresentar marcas roxas, eu sentia o cheiro do perfume (essência sensual da Avon) que eu enjoei durante a gestação e me senti toda dolorida, tanto que passei um dia sem poder conseguir falar, pois meu pescoço inchou como se alguém tivesse me engasgado... Eu realmente senti.

4.3 CONSTRUÇÃO DA CENA

“A forma ensaística dos textos que compõem este trabalho pretende assim desenvolver uma reflexão que seja sensível à natureza plástica do eu que se tece na escrita do si” (DUQUE-ESTRADA, 2009, p.15). O fazer é algo realmente difícil, pois não é só criar, é executar. O espetáculo começa desde o momento que decidimos fazer algo, essa cena começou na fala, no abrir, no despejar e deixar fluir... **Esvaziar**

S air

es **C** oar

g **O** tejar

flui **R**

mana **R**

v **E** rter

corre **R.**

Agora devia organizar a fala para a escrita, para o corpo, para o parir (sem parir). Tudo começa no relógio, o tempo não para. Às vezes sim, e eu descobri isso em cena mesmo, ou não, pode ser só um devaneio, Lou Cura.

O que são meus objetos cênicos? Eu preciso? Que vazio quero preencher? O da cena ou o da alma ou do corpo ou da mente?

“Traz um balde!”

“Traz aquele perfume!”

“Tira a roupa! Que? Para que? Não sei, só faz.”

(DA MINHA CABEÇA, Voz, 2019, [n.p.])

Muitos impulsos, de fora, de dentro e nada fazia sentido, só aflorava meus sentidos, meu sentir, MEU, TUDO MEU, EM MIM, EU, E...

Abriu a cortina, da sala mesmo é só faz de conta sério. “Professor, eu não trouxe a sonoplastia que vou usar no dia! Vai ser inédito e único.”

Figura 10 - Tempo que passe



Fonte: Ana Paula

Abriu o braço: o tempo rodou, relógio girou, cena começou. Andando para a beira do palco ~~quase caindo~~, senta em frente ao balde, dá o texto: “o corpo tocado, tocante, frágiiiil, vulnerável, sempre mutante, fugaz, i-na-pre-en-sí--vel, evanescente sob a carícia ou o golpe, corpo sem casca, po-bre pele estendida sobre uma caverna onde flutua nossa sombra”

(NANCY, 2008, Indício 57), (que nomeei de identidade); abro o perfume, passo, cheiro o perfume, vomito o perfume. Maldito! Cênico? Cena? Até que ponto? Ahh chegamos ao ponto. Corre! Em quadrado, desequilibra, quase cai, tira a blusa, desajeitada. Fecha o tempo.

Figura 12 – Muda, mudo



Fonte: Ana Paula

Abriu o braço: o tempo rodou, relógio girou, cena começou. Andando para a beira do palco ~~quase caindo~~, senta em frente ao balde, dá o texto: “o corpo tocado, tocante, frágiiiil, vulnerável, sempre mutante, fugaz, i-na-pre-en-sí--vel, evanescente sob a carícia ou o golpe, corpo sem casca, po-bre pele estendida sobre uma caverna onde flutua nossa sombra”

Figura 11 – A dor que passo



Fonte: Ana Paula

“Um segredo sem segredamento cujo selo quebrado é a própria mudez” (DUQUE-ESTRADA, 2009, p. 21). Muda! Foi assim que fiquei, sangue quente, queimando o rosto, o corpo, a garganta, não podia falar. 4min e 21seg. É *repetition*, fim de semana inteiro ensaiando o ensaiável.

4.4 APRESENTAÇÃO/QUALIFICAÇÃO DE TCC

4ª a apresentar, estar na luz, fazer a iluminação e ter que entrar, não da coxia, mas do público, uma quebra de um ritual. Entra em cena:

Figura 13 - Muda, mudo, apresentação



Fonte: Danielle Cascaes

Lá vem o relógio, marcando as horas, dias, semanas, meses que fiquei num tempo parado. Abre toda essa temporalidade “[...] corpo atormentado que remete a um tempo aceso nas entranhas deste norte” (PINHEIRO, 2016, p. 79).

Figura 14 - Te sinto



Fonte: Danielle Cascaes

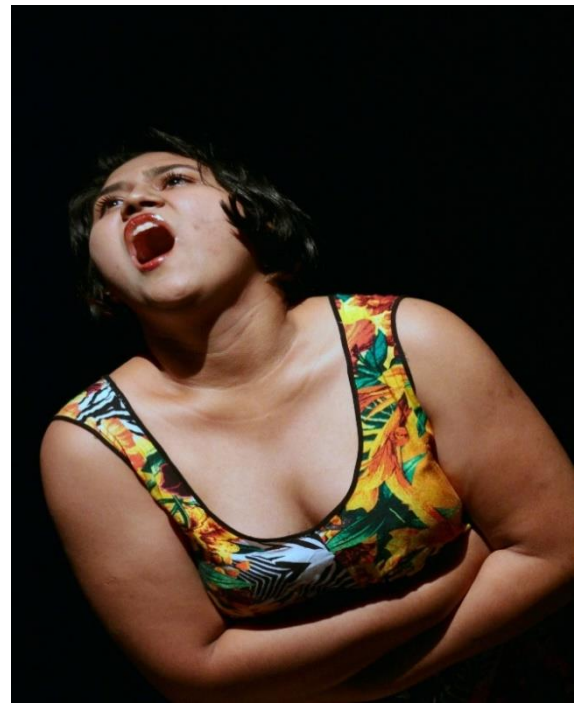
Segundo Nancy (2012, Indício 57, p. 57), “o corpo tocado, tocante, frágil, vulnerável, sempre mutante, fugaz, i-na-pre-en-sí-vel, *evanescente* sob a carícia ou o golpe, corpo sem casca, po-bre pele estendida...” fui cortada pela sonoplastia, no momento eu pensei: que merda! Mas agora, na escrita percebo o quão poético pode ser. “sempre fui cortada na vida, na cena não seria diferente” ~~desculpas, meu sonoplasta, Victor Rocha.~~

Carta ao Miguel:

Devo começar me desculpando pelo que falhei, meu querido filho. Sem datar essa carta quero lhe escrever, pois mesmo que os anos passem essa dor nunca vai passar, essa marca está eternizada na minha alma. Não quero em momento justificar tudo que passamos, até porquê a maior culpada sou eu; sim eu me culpo todos os dias e horas da minha vida. Me culpo por não ter tido mais força para lutar por você, me culpo por ver você dar seu último suspiro e não ter me dado a morte para me juntar a você.

Desde que soube que você estava se formando dentro de mim, comecei a planejar seu futuro, noites em claros, roupas para lavar, levar ao médico, levar pra brincar, banhos rápidos, meu mundo de cabeça para baixo até eu aprender ser mãe. Dei-lhe o nome de Miguel, o amei todos os segundos da sua existência, e ainda o amo. Se um dia nos encontrarmos de novo, lhe pedirei perdão pessoalmente e agradecerei pela honra de ter me escolhido para ser sua mãe. Pena que eu não tenha sabido protegê-lo. Meus dias se tornaram amargos e minha vida ficou nublada esperando sempre a próxima desgraça. Não aprendi ser mãe e desaprendi a viver, mas tudo que eu peço a Deus, se ele existir, é que o tenha colocado num lugar de descanso e lindo, que você tenha virado a mais bela estrela. Prometo-lhe que enquanto eu existir você ainda estará vivo na minha memória e no meu coração e mesmo que a mais.

Figuras 15 e 16 - Entre cortes, entre dores



Fonte: Danielle Cascaes

Figura 17 - Bem-vindo ao mundo... da minha cabeça



“Ainda que a dura doença chamada Alzheimer, me pegue, ainda assim, não o esquecerei, pois o buraco no meu peito e no meu útero é seu lar; e real”.

Eu sonhei por todos esses anos com seu rostinho, com seus detalhes, com sua voz, com você me chamando de mamãe e dando os primeiros passos, imaginei você correndo para os meus braços quando se machucava, ou por estar com medo ou por simplesmente para me abraçar. Eu ainda sonho, mas sei que mesmo que eu engravidasse agora, não seria você e por isso não colocarei outro em seu lugar, nem para ocupar o lar que é seu eternamente.

Fonte: Danielle Cascaes

*Perdoa essa mãe que foi tão fraca e que todos os dias luta para ficar viva para que assim você possas viver, pois eu lhe digo, vivo somente por você meu pequeno anjo, minha estrelinha; Miguel.
Para sempre, sua mãe.*

Figura 19 - Vômito

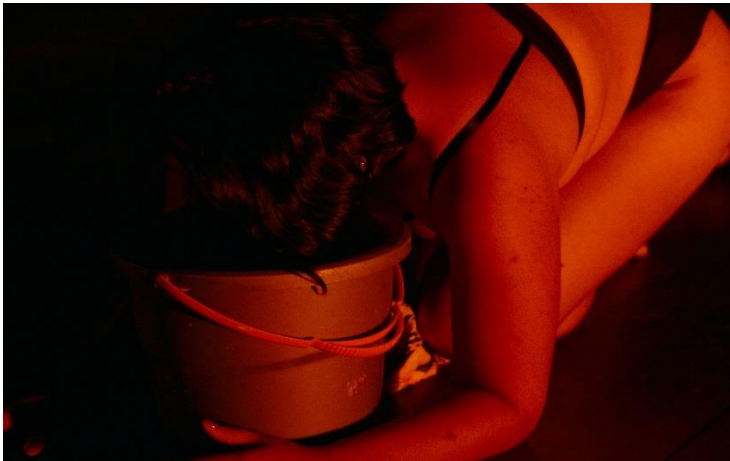
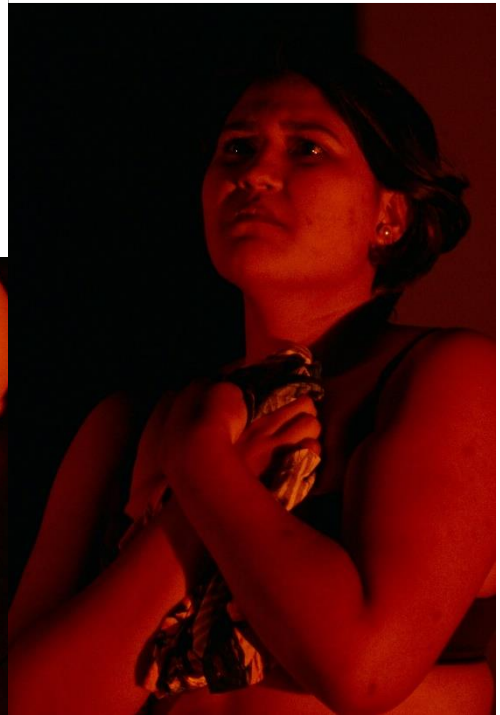


Figura 18 - Despedida



Fonte: Danielle Cascaes

Deixo aqui nesse vômito, tudo que eu queria dizer, todos os aplausos, todos os elogios, toda essa merda que aconteceu com a gente!

Fim do ato!

5 A CURA: DO TEATRO PESSOAL À ENCENAÇÃO DE PROJETO

5.1 NASCEU A ARTISTA

E desse corpo outro informe que é dado na condição da pesquisa, o desarme de tudo o que nada prediz. Informe é o corpo pulsante num mar de vadiagens onde nada mais é preciso escrever pela lógica do entendimento e do controle. Este corpo intumescido e louco, desfigurado e torpe, violado e podre, corresponde ao lugar do que se quer o ininterrupto da contravenção do pensamento na pesquisa em arte. Acontecimento sórdido-poético-patético, a desfigurar-se na corporeidade de sua construção (PINHEIRO, 2016, p. 79).

Agora me chamo Bianca César, uma artista originada por meios populares de um teatro de si para si, que mais tarde seria nomeado “a vida que não é, mas poderia ser minha” e mais tarde embasado no cuidado de si.

Costumava ir para além de onde eu estava, me distanciando da minha realidade e isso foi o que me fez sobreviver. Criei diversos personagens e diálogos. Isso quer dizer que: no momento em que eu era abusada, eu imaginava que estava navegando num grande mar, e quando eu estava para gozar era quando a tempestade tinha chegado ao meu barco, pequeno e frágil, aquele frio, aquele tremor, aquela loucura de estar sendo afogada, não poder respirar, ter água na boca e em todos os buracos, me sufocando, foi assim que aprendi a prender tanto a respiração. Quando os abusos aconteciam na rede, eu voava, sentido as nuvens fofas e geladas, e quando estava chegando ao fim do abuso eu sentia as gotas de água das chuvas me inundando. Estive em muitas viagens sozinha, conversando comigo mesmo. Mas às vezes, influenciada pela religião, eu levava Deus, Jesus, anjo ou até mesmo o diabo. Tinha dias que antes de qualquer coisa acontecer eu me preparava para uma grande atuação, me sentava, orava e conversava com os espíritos para que eles me fizessem sobreviver a mais uma viagem turbulenta; me trazendo de volta.

Mas a minha imaginação começou a falhar, eu já não via nuvens, aviões, barcos, anjos, Deus, absolutamente nada. Era só eu. Então passei a encenar minha própria vida, ali e agora. Onde aquilo era minha escolha, onde eu podia chorar e rir. O que ocorria apenas nos momentos dos abusos foi tomando conta do que eu era, e o meu “eu” passou a ser um personagem e meu personagem passou a ser eu. No final, quando tudo terminava, “sempre olhava para trás como se tivesse vencido uma batalha e pudesse observar sua vitória” (CORREIA, 2019, p. 35) e eu me via como vitoriosa. Andando pela rua num personagem lindo e forte, onde era uma evangélica que tinha visões dos céus, dom da profecia e louvava, tinha o dom da cura e revelação de sonhos, era um combo lindo da Igreja. O único combo no

qual eu não tinha de verdade, era na paz e felicidade. Mas quem liga para os detalhes? Certamente o pastor e irmãs não; Jesus também não.

Escolhi salvar o mundo porque me salvar se tornara difícil. Logo pensei em fazer medicina, mas fiz vestibular para Enfermagem e não me matriculei quando passei. Fiz no outro ano para Gestão Hospitalar e passei por meio do PROUNI e cursei durante um ano e meio. O curso conversava comigo, era um lugar especial, mas não me sentia realizada, estava sempre em busca de um grande ato. Foi quando eu decidi estudar para o Enem novamente, queria algo diferente de tudo que eu tinha tentado. Nada mais de saúde, pelo menos não da forma tradicional. Então, escolhi Licenciatura em Teatro, mesmo sendo contrariada pelo ato de ensinar, dar aula, afinal, eu via como os professores eram tratados dentro e fora de sala, mas fui.

Não falei pra ninguém da minha família; era algo que, pela primeira vez, eu faria por mim. Este foi o último ano em que ocorreu a prova de habilidades para entrar na graduação de Teatro. Enquanto ia para as aulas da faculdade de Gestão Hospitalar eu estudava quieta no meu canto, até que resolvi falar para minhas amigas de classe e pela primeira vez eu tive apoio para aquilo que eu queria. Sim, minha decisão de fazer teatro foi rodeada de primeiras vezes.

Fiz a prova do Enem e me preparei para a prova de habilidades; as minhas únicas experiências de teatro foram na escola, durante o Ensino Médio, no projeto “Mais Educação”¹⁰ do governo – o professor “L” vinha da escola de teatro e dança da UFPA, logo quando ele começou a dar aula, ele pediu uma imersão no nosso “eu” e foi quando eu larguei o teatro, a verdade era dura demais para ser encarada. Fiz apenas um mês, enganando principalmente a mim mesma com todas as histórias da minha vida que contei, afinal eu era boa em contar história, sabia inventar como ninguém e acho que o professor percebeu e me pediu que escrevesse uma cena; esse foi meu último feito no programa, em 2011.

Logo depois entrei para o JOVAC, no ano de 2013. Os conheci em uma apresentação feita na escola do meu irmão “L”, era o casamento na roça. Quando fui para cursinho – estava estudando para Enfermagem na UFPA, mas foi o ano em que consegui a bolsa para Gestão Hospitalar. À noite, encontrei na minha sala um dos integrantes do grupo, conversei com ele e em uma semana eu estava no grupo do JOVAC.

¹⁰ O Programa Mais Educação, criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para indução da construção da agenda de educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino que amplia a jornada escolar nas escolas públicas, para no mínimo 7 horas diárias, por meio de atividades optativas nos macrocampos: acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica. Fonte: portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao/apresentacao?id=16689//. Acesso em: 30 Nov. 2019.

Figura 20 – Pré-Maracujá



Fonte: Acervo pessoal

JOVAC é um grupo católico e, ser evangélica, não foi um impedimento. Foi meu primeiro contato com confecção de figurinos e cenografia. A minha primeira apresentação foi fazendo parte do coro, era um dos anjos anunciadores e foi apresentado na ilha do Maracujá¹¹. Foi uma experiência incrível e que transpôs uma barreira: medo de barco.

Tive um trauma, pois certa vez minha mãe e o marido dela levaram minha irmã e eu para a ilha de Cotijuba¹² e na volta, o barco foi pego por uma tempestade que o fazia balançar ameaçando virar; o barco quebrou e tivemos que esperar outro barco no meio da Baía do Guajará; na tempestade todas as crianças gritavam e tiveram pessoas que pularam do barco; minha irmã gritava pedindo para não morrer. Fomos vestidas com o colete salva-vidas laranja. E, quando finalmente o barco de resgate chegou, eles retiraram primeiro as crianças e idosos, depois mulheres e homens, foi o momento que me separei da minha mãe e fiquei responsável pela minha irmã por alguns minutos que me pareceram horas.

Com toda essa carga emocional na hora de pegar o barco para ir à apresentação, cai num choro copioso; e os rapazes, amigos de cena e de teatro me carregaram e colocaram no barco, fui metade do caminho vendada e na outra metade olhando fixamente para meu diretor. Registra-se aqui, meu grande incentivador de palco. No retorno para Belém foi bem mais tranquilo.

¹¹ Ilha do Maracujá, localizada no município de Acará, no nordeste paraense.

¹² A Ilha de Cotijuba fica a 1h e 20 minutos de barco, saindo do Porto de Icoaraci.

Figura 21 - Fim do espetáculo na Ilha do Maracujá, 21/12/2014



Fonte: Acervo pessoal

Depois de alguns dias tivemos uma reunião do grupo para que o “G” pudesse nos dar o *feedback* e ele nos surpreendeu com “*oscar’s*”. Cada pessoa que se destacou em alguma categoria ganhou um, e eu ganhei o de “ATRIZ DO ANO”; como eu poderia lidar com todos aqueles sentimentos de uma vez? Chorei. E eu só era um personagem secundário, levei para vida que: não preciso ser a principal para fazer um bom trabalho.

Figura 22 - Oscar – plaquinha de papelão com um papel grampeado, 29/12/2014



Fonte: Acervo pessoal

No ano seguinte fiz uma audição no grupo para fazer Maria na “Paixão de Cristo”; a audição era responder umas perguntas sobre a personagem, um monólogo, e cantar qualquer música.

Como estava acostumada a louvar na Igreja achei que seria fácil, a parte da música. Passei duas semanas estudando sobre Maria, mãe de Jesus, nos livros de teologia da mamãe. Fui para a audição afiada, era a primeira vez que eu queria algo profundamente. Fiz o monólogo clássico de quando retiram Jesus da cruz e o deitam no colo de Maria. Na hora de cantar, uma coisa que estava acostumada e “fazia até dormindo”, fiquei muito nervosa, e então meu diretor “G”, entrou ao meu favor. Me colocou de costa para o público e cantei:

Eu preciso aprender um pouco aqui
 Eu preciso aprender um pouco ali
 Eu preciso aprender mais de Deus
 Porque ele é quem cuida de mim
 Se uma porta se fecha aqui
 Outras portas se abrem ali
 Eu preciso aprender mais de Deus
 Porque ele é quem cuida de mim
 Deus cuida de mim
 Deus cuida de mim na sombra das suas asas
 Deus cuida de mim, eu amo a sua casa
 E não ando sozinho não estou sozinho
 Pois sei Deus cuida de mim
 Deus cuida de mim na sombra das
 suas asas
 Deus cuida de mim, eu amo a sua casa
 E não ando sozinho não estou sozinho
 Pois sei: Deus cuida de mim
 Se na vida não tem direção
 É preciso tomar decisão
 Eu sei que existe alguém que me ama
 Ele quer me dar a mão
 Se uma porta se fecha aqui
 Outras portas se abrem ali
 Eu preciso aprender mais de Deus
 Porque ele é quem cuida de mim
 Deus cuida de mim

(Compositor: Kleber Lucas, Música: Deus cuida de mim)

Essa música falava mais de mim que da personagem, porém acredito que foi isso que fez com que o público me aplaudisse de pé, quando olhei para a plateia, vi alguns amigos chorando, emocionados e ali eu fiz parte, tive um pertencimento, nada de “pig-pong”, nada de ter que salvar alguém, era só o teatro e eu, uma aliança. Consegui o papel de Maria e os

ensaios foram puxados, era a primeira vez que Maria iria cantar em cena, sempre foi o coro. Mas gostaram tanto do meu monólogo musical que inseriram em cena. Foi quando percebi que poderia ser alguém que tem opinião e que tinha boas ideias também.

Figura 23 - A visita do anjo Gabriel para Maria – texto cantado, 04/04/2014



Fonte: Acervo pessoal

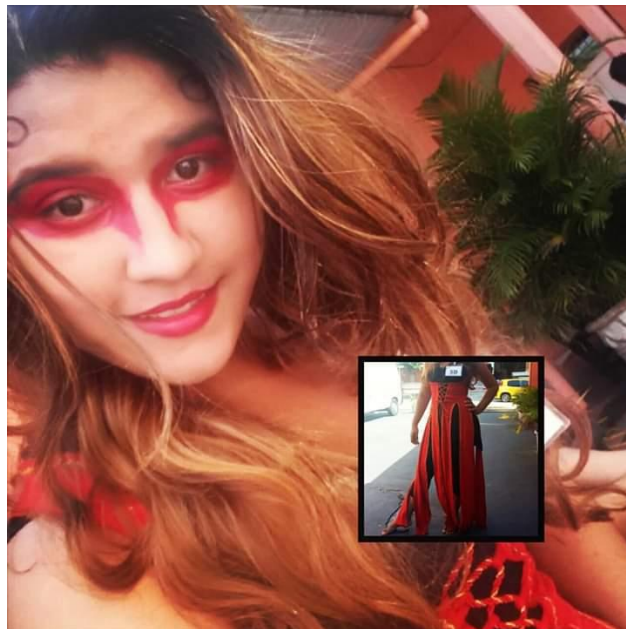
Esta foi a primeira vez em que estive em um palco de rua, pois a apresentação da Paixão de Cristo do grupo JOVAC começava na Igreja e se estende pelas ruas do Paar¹³. É uma via dolorosa; pude ver pessoas se emocionando e tentando ajudar Jesus – já na Licenciatura pude compreender o pacto ficcional daquele dia. Ao voltar à Igreja para a crucificação fiz a cena do meu monólogo, aquele que me fez conseguir a personagem. Quando o espetáculo terminou, muitas pessoas vieram elogiar o elenco e como as pessoas faziam parte da comunidade sabiam que eu era novata e mesmo assim fui elogiada. Me senti VIVA. Eu SENTI.

¹³ Um bairro de Ananindeua.

Mas então tive que largar pelo plano que eu tinha traçado durante anos: estudar, começar a trabalhar, comprar uma casa e salvar meus irmãos, levando-os para morar comigo. Passei em Gestão Hospitalar e deixei de ir para os ensaios e encontros, conseqüentemente, aos espetáculos. Entrei em *pause*, durante 1 ano.

Quando em 2015 retornei, como uma fênix retorna das cinzas, para prova de habilidades da ETDUFPA¹⁴. Treinei durante meses, separei texto, música e figurino. Com a ajuda da D e J, amigas de Gestão Hospitalar. “J” me deu uma parte do figurino, me maquiou no carro até a escola e “D” sempre me apoiou. A cena escolhida era: “a cena do pássaro”; um episódio de Victorious¹⁵ (Brilhante Victoria). E cantei a música “Pássaro de fogo” da Paula Fernandes.

Figura 24 - Pássaro de fogo, 13/12/2015



Fonte: Acervo pessoal

No dia 21 de dezembro de 2015 acessei o *site* da universidade para ver o resultado de habilidades e estava habilitada para o curso; no ano seguinte saiu o resultado do listão da Federal e eu tinha passado. A família ainda pensava que estava passando para algo da área da saúde, como: medicina, enfermagem ou psicologia. Isso gerou certo conflito em casa pela questão financeira: “vai morrer de fome com esse curso”, “curso de vagabundos”, “não tem mercado para esse curso”, entre outros. Mas acabou quando me viram no primeiro semestre

¹⁴ Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará.

¹⁵ VICTORIOUS é uma sitcom norte-americana criado por Dan Schneider, estrelada por Victoria Justice e exibida originalmente entre 27 de março de 2010 e 2 de fevereiro de 2013, num total de 60 episódios distribuídos em quatro temporadas.

penando com vários materiais para ler e estudar. Conquistei meu lugar como estudante tanto quanto alguém que tem uma profissão. Então, o teatro começa a ser contextualizado de forma teórica na minha vida. O que antes era apenas teatro sobrevivência, passou a ter base acadêmica, não dizendo que o antes feito seja menor ou menos importante.

O plano geral da conversão do espectador em ator pode ser sistematizado no seguinte esquema geral de quatro etapas:

PRIMEIRA ETAPA – Conhecimento do Corpo – Sequência de exercícios em que se começa a conhecer o próprio corpo, suas limitações e suas possibilidades, suas deformações sociais e suas possibilidades de recuperação (BOAL, 1980, p. 131);

Mas com o curso veio os desencadeamentos de problemas psicológicos. Com a disciplina “Trajetória do si”, o mergulho em mim foi tão profundo que me tirou todos os alicerces, na verdade, derrubou todos os muros que eu tinha construído para o meu conforto. Já tinha visões e ouvia coisas, mas com o desnudar em sala os tornou mais real, me chamando para um enfrentamento.

Decidi então procurar um psicólogo. No SAPS¹⁶, foram 3 anos de terapia, em idas e vindas. Quando passei a primeira vez com a Assistente Social, ela me encaminhou para psiquiatra e para psicóloga. O Dr. “B”, psiquiatra, me lembrava muito o “P” e por isso entrei em pânico e fugi da sala na segunda sessão; na primeira ele tinha me dado remédios para esquizofrenia, insônia e depressão; joguei fora na primeira lixeira que achei; afinal, já sofria discriminação por fazer teatro, por (não ser ou ser) negra - próximo parágrafo - por ser mulher; não poderia deixar adicionar mais a loucura. Falta de **esclarecimento!**

Eu já tinha aceitado não ter um lugar a mesa, já tinha me acostumado a falarem que iria passar fome por causa curso que escolhi, mas ainda não tinha perdido ou sentido falta de um lugar como pessoa, no mundo. Até o momento em que pessoas da escola abrem a discursão.

“T”: “mana, tu não é negra, olha esse teu cabelo, morto de liso, não podes participar do grupo”;

“C”: “mana tu não pode ser descendente de indígena, se tu é mesmo me diz: o nome da tua tribo?”

“F”: “mana, essa história de ser parda não existe, parda é só cor de papel”,

“M”: “tu não é branca, só se for uma branca muito torrada”.

E perdida por não saber quem sou, me reinvento e crio um grupo, onde essas questões

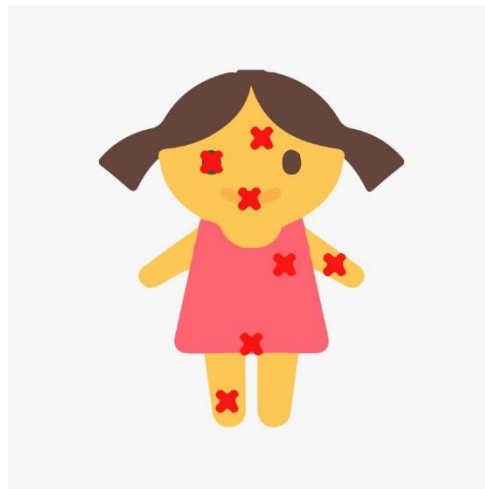
¹⁶ O Serviço de Assistência Psicossocial - SAPS, é um projeto de assistência à saúde mental, criado para atender os acadêmicos da UFPA, visando proporcionar um bem estar físico e psicossocial, bem como contribuir na formação de um profissional humano e mais capacitado para a sociedade.

não são o fator de separação, mas sim de acolhimento; O “Mulher em cuidado de si” – falaremos mais à frente.

Continuei com a terapia com a psicóloga “B”, contei “tudo”. Minha história, meus traumas, mas aquilo não estava me ajudando, estava apenas me jogando para o fundo do poço, então resolvi me dar alta, porque tudo que ela fazia era revisitar meu passado em busca de detalhes sórdidos, do tipo: “que posição ele te colocava?”, “tu chegou a gozar?”, estava me parecendo mais fofoca do que terapia.

Com isso levo para as cenas construções semanais da “trajetória de si” uma criança sempre frágil e presa no mesmo lugar: ESTUPRO. A terapia me deixava lá e conseqüentemente não conseguia avançar na minha dramaturgia pessoal, porém depois da “alta” e da fala da professora em sala: “Bianca, quando vamos ver essa criança crescer?”, eu retornei para o teatro que me manteve viva durante 19 anos. Esqueci o que a terapeuta me dizia, sobre me expressar em desenhos:

Figura 25 - Lugares onde dói



Fonte: Designer Leonardo Mendes

SEGUNDA ETAPA – Tornar o Corpo Expressivo - sequência de jogos em que cada pessoa começa a se expressar unicamente através do corpo, abandonando outras formas de expressão mais usuais e cotidianas; (BOAL, 1980, p. 131). Ainda na disciplina “trajetória do si”, recebo um “tapa” da Prof.^a agora Dr.^a “AF” que perguntou: “quando vamos ver essa criança crescer?”

Primeiro fiquei revoltada, porque eu estava mostrando minha alma para pessoas desconhecidas, na semana seguinte, eu ensaiei e ensaiei, deixei para lá a minha história e foquei em uma cena a partir da mesma; foquei-me no corpo, no sentir, no revisitar para

construir, remontar, como Viola Spolin (1992, p. 131), escreveu: “o corpo deve ser um veículo de expressão e precisa ser desenvolvido para tornar-se um instrumento sensível, capaz de perceber, estabelecer contato e comunicar.” Por isso, fui com tudo para cena e então levei às lágrimas meus amigos de sala e a professora, enfim, estava em cena, grande. A criança finalmente cresceu. Foi doloroso, mas desde então mudei o meu modo de fazer teatro, adquirindo técnicas para atuar e ensinar. Então a “AF” disse: “é isso, estamos começando a ver essa criança crescer”. Ela saiu para realizar o doutorado depois do meu terceiro semestre e hoje quando ela voltou nem me reconheceu, segundo as palavras dela; aconteceu quando a chamei para uma conversa com o GTU – falaremos mais à frente. Mas o que ficou de lição é que eu precisava me desassociar “só” do passado para poder atuar, precisava sair mais do texto, precisava focar na construção de personagem, pois mesmo sendo o objeto de pesquisa é necessário um distanciamento para depois ter a aproximação.

TERCEIRA ETAPA – O Teatro como Linguagem – aqui começamos a praticar o teatro como linguagem viva e presente, e não como produto acabado que mostra imagens do passado[...] (BOAL, 1980, p. 131) comecei a traçar meu modo de fazer teatro, buscando uma linha de pesquisa.

No primeiro momento pensei no teatro-terapia, mas depois percebi que o cuidado de si era o que norteava o meu fazer teatral. Voltei a fazer terapia depois de seis meses e também para o psiquiatra, que dessa vez era uma mulher incrível - “A”. Ela não passou apenas os remédios, mas me explicou o porquê de cada um e tirou das minhas costas os preconceitos que carregava como fardo.

Finalizei o tratamento com ela depois de oito meses, aliviou minha ansiedade e a depressão, mas como minha psicóloga nova “C”, disse: “Isso tudo é sua conquista, através do que você faz, da sua paixão pelo teatro, ele é transformador”. Passei a construir meus personagens através da minha história, mas com as técnicas de revisitação de emoção de Brecht: “o coração não é expulso de suas considerações, antes valorizado nelas” (FLORY, 2013, p. 65). Passei a compreender meus sentimentos e ressignificar meus traumas:

Tem um eu dentro de mim

Que também ~~sou~~ eu

Tem a casca

Tem o miolo

Pra explicar vou mostrar...

JÉSSICA *bianca César* SILVA

Casca MIOLO casca

Todos só enxergavam a casca,

A couraça;

A armadura.
Mas certo dia ela quebrou
E expos todo meu interno
Meu visceral
Meu miolo.
Então, resolvi assumir...
Me assumir
Meu inTerno
O
D
A
Meu inFerno
E
R
I
D
A
Meu inVerno
A
Z
A
E foi só então que notei
Que não só de verão é que se vive
E ainda que o inverno seja rigoroso
Brota vida

Esse poema brotou quando entrei em dúvida de quem eu era, como eu podia me apresentar quando os questionamentos sobre o porquê não usar o primeiro nome e ter que contar que: “quem me conhece como Jéssica, saiba que tem uma ligação de dor comigo, mas quem me conhece como Bianca tem uma ligação com meu verdadeiro eu, com minha libertação.”

QUARTA ETAPA – Teatro como Discurso – Formas simples em que o espectador apresenta o espetáculo segundo suas necessidades de discutir certos temas ou de ensaiar certas ações, [...] (BOAL, 1980, p. 132). Passei a estagiar, primeiro na Escola de Aplicação da UFPA¹⁷, com crianças do pré e também da primeira série, aplicando os jogos teatrais de Viola Spolin que nos foi ensinado durante a graduação; consegui uma aproximação incrível com as crianças, sendo que no início do estágio – quando estávamos escolhendo a turma que queríamos entrar – tinha pedido que não fosse com criança já que eu não tinha tanta coragem e jeito com os pequenos, não levando em conta minha experiência na Igreja cuidado do grupo de crianças. Eu superei meus medos e alcancei a confiança dos meus alunos, foi uma troca inesquecível. Depois fui para o estágio no curso técnico de teatro da ETDUFPA, já não me senti tão bem quanto com as crianças, até porque o estágio ali era completamente diferente; na escola de aplicação era um estágio de observação, mas os estagiários colocavam a mão na

¹⁷ Antigo NPI.

massa e dávamos aula também, então quando cheguei no técnico pensei que seria na mesma *vibe*, porém não podíamos dar aula, somente assistir. Estava ali mais como uma secretária que pega café e não como uma futura professora. Já no meu terceiro estágio eu fiquei com as crianças do curso livre de infanto-juvenil da Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará e também assumi o GTU¹⁸.

Foi uma experiência completamente enriquecedora, eram 45 crianças no início, o trabalho era intenso e elas eram um pouco bagunceiras, mas o que faltava era a conquista que foi alcançada com algumas aulas. Nosso processo criativo foi magnífico, pois nós, estagiários, incentivávamos as crianças a fazerem sua própria dramaturgia, trazendo assuntos e questões que elas queriam discutir, bem como teatro do oprimido de Boal, porque apesar de serem crianças eles já sofrem com diversos tipos de traumas, como uma questão levantada por “J”: ”por quê meu irmão pode ficar vendo TV enquanto eu tenho que lavar a louça?”, e isso, com toda certeza, esteve na nossa dramaturgia apresentada no espetáculo ”quadrilha cênica”. Muitas crianças chegaram comigo para dizer que estavam se sentindo muito melhor depois de falar, então soube que estava no caminho e na pesquisa certa. A sacada de trazer o que os incomodavam foi ideia minha, da minha construção como professora pela minha história; como eu podia ter certeza que nenhuma criança ali estava passando por uma violência como eu passei quando criança? Perguntando. Foi o que fizemos, de modo sutil, buscando sempre escutá-los.

5.2 MULHER EM CUIDADO DE SI NASCE

[...] Importa aqui ressaltar que Gilberto, em seus ensaios, chama a atenção para o fato de que todos esses dramaturgos-diretores-pedagogos estiveram sempre comprometidos com práticas que remeteriam exercícios “espirituais”, pelos quais os atores buscariam, a todo o momento, uma fina sintonia entre gestos e expressões corporal e uma “vida interior”, relacionada a uma espécie de verdade – verdade que se tornaria corpo no próprio trabalho teatral (ICLE, 2010, p. 15)

Ao pensar que estava concluindo a pesquisa, surge o GTU. O projeto nasce de uma inquietação e luta de classes, uma luta justa para buscar nosso lugar ao sol; ser mulher não deveria ser uma barreira, mas acabou transformando-se, dificultando o crescimento e, principalmente, nossa liberdade; com todos os motivos legítimos, pontuo uma das muitas opressões da sociedade. Na ETDUFPA, dentro de sala de aula do estágio, uma amiga e eu – professoras em formação – fomos impedidas de completar qualquer frase que seja. Onde um

¹⁸ Grupo de Teatro Universitário, projeto de extensão novos encenadores da Escola de Teatro e Dança da UFPA.

homem aponta o dedo pros nossos rostos e afirma que: “é por isso que a classe de artista nessa cidade está essa merda, por pensamentos como de vocês”. E mais uma vez na luta diária de ser mulher, ter que afirmar que eu existo, que trabalho, que produzo, que posso falar e mereço. A opressão não reside em discordar do que dizemos/fazemos, mas no momento em que ele deixa o homem ao nosso lado falar e o escuta com atenção - mesmo esse discordando dele também – e quando nós, duas mulheres, professoras, artistas, tentamos falar, somos cortadas violentamente.

Mais uma dura vez, não era a primeira e não seria a última vez que coisas do tipo aconteceriam e, coisas piores. Eu precisava reagir, precisava fazer algo para que isso não passasse mais uma vez, como algo comum e sem importância. E sabendo que o edital do GTU estava aberto, resolvi submeter um projeto para avaliação; um projeto que falasse de mulheres em toda sua pluralidade, um projeto que fosse feito de mulheres para mulheres, mas primeiramente eu precisava de uma equipe técnica, por isso chamei mulheres fortes e que eu tinha/tenho grande admiração pelos trabalhos, visando também as pesquisas de TCC's delas. “AL”, foi a primeira, pela nossa história de luta dentro de sala para conseguir falar, por ser uma artista-pesquisadora que estuda o corpo ansioso e o cuidado de si; compôs a equipe como preparadora de elenco. “MT”, foi a segunda, seria nossa sonoplasta, mas pela pesquisa do ator-bailarino, como desabafar através do corpo-movimento, de modo único ela nos ensinaria como falar de modo singular o que queríamos dizer, através da coreografia, e por isso compôs a equipe como coreógrafa. E por último, não mesmo importante, “PR”, que seria como meu braço direito, uma mulher de força, determinada e de uma organização impecável. A princípio, a chamei para ser a vice-diretora do projeto, mas logo ela mostrou para que veio, com sua pesquisa focada em estudar o coro no teatro, ela assinou o espetáculo – resultado do projeto – como dramaturga. Os corpos-história delas tinham/tem métodos únicos de ensino para construção teatral.

Com o projeto aprovado começamos a longa caminhada de pesquisa e aprendizado, abrimos as inscrições no dia 15 de Abril de 2019 e seguiu pelos dias 16 e 17 para mulheres a partir de 18 anos; no início pensávamos fazer um espetáculo de cicatrizes, mas depois chegamos ao acordo de construir uma dramaturgia e atravessá-la com as cicatrizes das atrizes participantes, mas isso deixaremos para depois. Quando as inscrições terminaram já tínhamos definido toda a equipe técnica que trabalharíamos, mas isso também é assunto para mais tarde.

No dia 18 do mesmo mês fizemos uma reunião com as mulheres inscritas, para que nós pudéssemos conversar sobre as regras que devíamos seguir no grupo para que ele pudesse

se desenvolver e apresentar um espetáculo como resultado, mas desde já gostaria de dizer que o mais importante do GTU, do grupo Mulher em Cuidado de Si foi o processo e não o espetáculo.

Figura 26 - Primeiro encontro do grupo



Fonte: Acervo pessoal

Nesse ponto, a contracena entre nós dois é potencializada e ela permite que, olhando para a plateia, eu possa dizer - é impossível ensinar a arte, porque a arte não é informação, mas sim, deve-se criar condição para que a experiência com a arte aconteça. Não é um saber acumulativo, é algo que trabalha no sentido do cultivo de si. É o que isso indica quando o caminho mais desejado para o ensino é o da invenção transformadora (CORREIA, 2019, p. 90).

Começamos a longa jornada que duraria oito meses; quando entro em sala e não vejo “nenhuma professora”, me sobe um frio na espinha, mas com os minutos passando percebi que ali se encontravam quatro professoras que eram completamente capazes de seguir com o trabalho. Começamos com uma roda de conversa, onde apresentei o projeto de criação do grupo; depois compartilhei sobre minha pesquisa de corpo-história, contei um pouco da minha trajetória para encorajá-las a compartilhar suas histórias com o grupo, para que a gente pudesse fazer exercícios que fizessem com que os nossos corpos ficassem prontos para contar uma história recortada em vários pedaços e de várias gentes. Mostrei os teóricos que embasariam nossa caminhada até os palcos, como Barbara Santos, Chimamanda Ngozi Adichie, Márcia Tiburi, Viola Spolin, Eugenio Barba, entre outros.

Algumas não falaram nada além de seus nomes, idade, signo e o que faziam da vida – curso ou trabalho – o que era normal, até porque pedi que elas sempre respeitassem a si

mesmas, e o seu próprio modo de se comunicar. Expliquei que o teatro é um fazer artístico que se comunica até pela não-comunicação. Mas propus um exercício de escrita, que mais tarde seria usado na nossa dramaturgia. Dei na segunda-feira um pedaço de papel para cada uma e uma caneta, e fiz duas perguntas que elas deviam responder na segunda, na quarta e na sexta, os dias dos nossos encontros.

Perguntas:

1. O que é ser mulher para você?
2. Como você está se sentindo agora?

As seguintes escritas foram recolhidas na sexta-feira:

Quadro 1 – Como me sinto hoje

MULHER	PERGUNTA 1	PERGUNTA 2
L M	-	Respirada, decidida, alongada, atribulada, porta
J G	É ter força, dedicação, coragem e acima de tudo resistência pra encarar o mundo como está hoje.	Muito feliz por estar participando de um grupo tão maravilhoso
L O	É ser guerreira e ao mesmo tempo poder cair no choro a qualquer momento. Ser corajosa e poder enfrentar tudo e todos, mas ao mesmo tempo permitir-se ser medrosa e sair correndo de uma barata. É ser linda, mesmo estando descabelada, é ser sensual sem ser vulgar ou ser vulgar e ser sensual, é ser ousada e ter atitude e ao mesmo tempo ser uma moleca descalça na rua. Não tem uma fórmula e talvez nem uma definição só quem é mulher sabe o que é ser mulher.	Estou com preguiça, mas com muita vontade de aprender. E na TPM/ Estou com sono/ estou me sentindo leve.
H	É ser luta, sangrar e sofrer. Mas ser forte, é luta e estar junto.	Estou me sentindo cheia; cheia (como se tivesse sendo malabarista), mas vida que segue.
A A	Ser mulher dentro dessa sociedade é crescer numa pessoa silenciosa, sem voz, sem atitude própria, mas sendo culpada por qualquer bobagem que está presente. Faz parte de ser mulher aprender a lidar com as dores pro resto da vida	Ansiosa, nervosa porém acolhida/ hoje, estou me sentindo leve.
I	Inabalável?!?!	Quase que o último passo. No passo para o primeiro trilhar/ preocupada, meu corpo tá meio que precisando mais de mim.
B T	Mulher p/ mim é sinônimo de criatividade e singularidade. Mulher também é força.	livre/livre/livre
E	Ser mulher é força e resistência, pela trajetória que se segue, pelas lutas que se formam. Ser mulher é ser sagrada.	Leve/ me sinto angustiada/pensativa
J O	Mulher é revolução e resistência todos os dias.	Ansiosa, porém feliz/ estressada com uns problemas em casa/hoje sinto que estou existindo e não vivendo.
T	Me dê forças, esses medos em meus ventres dores. Não esqueço, gratidão! Por me fazer sentir. Ser natureza.	Sacudida ao vento com muito amor/ determinada, inquieta, liberta, amorosa, pássara.
A K	Força, sou rainha do meu tanque, sou pagu indignada no palanque.	Ansiosa/neutra, triste/ agitada
D	Ser mulher é lutar todos os dias para se reconhecer protagonista da sua própria vida e dos espaços que	Eu estou num momento muito diferente da minha vida, que eu

	ocupa. É passar muitos obstáculos muitas vezes, sozinha. É ter infinitas possibilidades de ser feliz. / ser mulher é ouvi uma voz interior e extravasa-la./ raiz	acredito que vai impactar muito no meu futuro. Entrei num ciclo muito desgostoso e nesse momento busco por novos caminhos. /eu me sinto bem feliz neste momento. Consigo me ver uma melhor forma no dia de hoje. /hoje me sinto bem melhor que no dia de ontem, com algumas ideias novas para minha vida.
A P	Ser mulher é muito mais que gerar filhos, cozinhar, arrumar uma casa e lavar a louça. Mulher é um ser livre e ser rainha, dona de si, é não baixar a cabeça para intolerância e preconceitos. Mulher pra mim é ser livre!	Mediana/com fome/com sono
N	Ser a continuação da natureza. Ser resistência.	Calma, feliz e me sentindo acolhida/ confortável.
L A	Ser mulher é ser resistente.	Me sinto meio ansiosa e sensível/ sinto-me incapaz e reflexiva/ na real meio envergonhada, por ter chegado atrasada. Porém, foi bonito quando entrei, e observei as duas imagens ¹⁹ , de um jeito bastante expressivo. Fiquei, leve!
B	É resistir a uma sociedade que vai contra com a nossa essência. É ter que fazer três vezes mais que qualquer outro para garantir o básico, saúde mental, espiritual, enfim. Ser mulher é carregar muita expectativa do mundo, que a gente nem quer ter ou ser... mas é divino, difícil, mas divino.	Gostaria de estar melhor/AH
S L	Desconstruir toda essa merda que impõem na nossa cabeça desde pequenas. O oco do meu sexo não revela o eu pessoa. Empoderar-se.	Corpo fraco/ dor de cabeça enorme/ um pouco mais forte, ok.
D A	Dor, amor e luta	I FEEL, SO ALONE
T	Vida que brota	Tranquila/ fechando um ciclo, em que tudo que já não me cabe mais, fica para trás...me sinto inundada. Água. Água. Fluida. Rio. Vento que pulsa e faz voar. Fim. Início e recomeço.ar. f
V D	Para mim ser mulher é ser forte. Temos nossas fragilidades, mas de alguma forma sabemos lidar com elas.	Hoje me sinto uma mulher forte. Certa dos caminhos que quero seguir e aonde quero chegar.
R G	É ser um mundo de histórias e contradições. Porém, é ter forças para lidar com tantas coisas. / buscar incessantemente pela liberdade.	Inicialmente triste, um pouco ansiosa, porém agora estou calma e tranquila. /me sinto bem, renovada, imbuída de novos sonhos.
B A	Sinceramente? Eu não sei. Porque eu sinto enquanto mulher não é o mesmo do que atravessa uma mulher negra, trans, etc. Eu só acho que é místico, vai além e está em mim.	Com um pouco de dor na minha pele e no meu olho e nervosa por talvez pedir meu neném em namoro hoje./ com a voz aquecida, bem, com dor no olho. Ah, eu pedi ele em namoro e ele aceitou, então ler o que escrevi na quarta me deixa feliz.
R A	É ser o que eu quero, fazer o que quero, na hora que quero sem ninguém dizendo que isso não é coisa de mulher.	Agora, com medo de falhar - não conseguir fazer um trabalho acadêmico e com saudade da pessoa que me faz sentir melhor.
M G	Profundidade. É ser profunda.	Ansiosa, “pero” tranquila/ tranquila e feliz/ bem feliz, otimista.

¹⁹ Fim de aula fizemos teatro imagem com o indutor: o que é ser mulher para você?

São vetores que atravessam e constituem um território de compartilhamento de experiências a quem interessar (CORREIA, 2019). Depois desse primeiro contato com elas, ensinamos o básico de teatro, como: base, os três planos, espaço cênico, alguns jargões, entre outros. No meio das trocas cada uma falava como se sentia e íamos adaptando as aulas às necessidades encontradas em cada dia. Como, por exemplo, quando uma aluna desmaiou em sala; nem um dos professores da graduação nos ensinou o que fazer quando isso acontece. Mas nos saímos bem, fiz os primeiros socorros, ela melhorou e nos contou que tinha asma, e quando fizemos os exercícios de respiração ela acabou passando mal, depois reforçamos que elas deviam nos contar se tivessem algum tipo de doença crônica como foi o caso, ou se não tivesse almoçado, já que os encontros eram de 13 a 15 horas.

Como muitas meninas não vieram do teatro penso eu, que foi bem mais fácil trabalhar com elas, porque se eu olhar para mim quanto aluna:

Percebo que a minha maneira de pensar teatro tem uma certa configuração. Como se configura este meu pensar? Não penso o teatro como uma forma enraizada no texto e só nele. Gosto de pensá-lo independente de qualquer ponto; não dependente de uma única raiz. O meu pensar teatro não quer que, apenas um, dos elementos da linguagem cênica – como a luz, o som, a cenografia, o texto ou qualquer outro – seja o tronco da obra e para este tronco, tudo se converta. Ele quer diversificar-se. Quer dar mais autonomia ao ator como criador de cenas (LIMA, 2005, p. 43).

Gostaria de deixar registrado uma fala de uma delas: “peraí, que vou anotar, tudo que tu fala eu anoto porque eu te acho muito foda” (M, 2019) foi a primeira vez que alguém me disse que estava me escutando e mais que isso, me disse que o que eu falo tem impacto de alguma forma na vida dela. Não é vaidade, entenda, para uma pessoa que cresce sem voz e sendo rejeitada... vem o teatro e transforma o meu não-pertencimento em pertencimento e forma de pertencer.

Trabalhamos inicialmente com o sentir, expressar através da dança e do movimento, da respiração, do caminhar, do olhar; após, inserimos elementos de teatro, como: pequenos textos indutores, luz e som. Mas sempre voltando para o primário, SENTIR. A construção de um corpo neutro que pudesse se adaptar aos personagens e à dramaturgia que viriam mais tarde.

Com essa construção do corpo, pudemos fazer um encontro com quem somos, refletindo nossa vida fora do teatro, nossa teatralidade do dia-a-dia. Os aquecimentos que passávamos eram como nas fichas de Spolin. Treinamentos de atores e não-atores de Boal. Mas a princípio:

O objetivo central dessa técnica era que a pessoa fosse capaz de convencer-se a si mesma que o pior dos quadros, na realidade, não seria tão ruim assim. Desse modo, o sujeito adquiriria uma capacidade maior de resistência frente aos desafios, distanciando-se da tendência costumeira de que certos fatos significariam o fim de tudo e a perda do significado da própria existência (BARROS, 2012, p. 9-10).

Com os treinos diários, conseguimos alcançar nível maior de intimidade e confiança. Estabelecemos assim um círculo, não-vicioso, de fortalecimento. Começamos a entender que o cuidado de si, ia para além de estar sempre feliz, mas perpassa pelo compreender que podemos suportar e aprender com as lágrimas. O “Mulher em cuidado de si” foi se tornando um grupo de terapia. Como disse minha psicóloga: “a melhor terapia é isso que vocês fazem, conversam”. Obviamente, nem ela e nem eu, excluímos que pessoas com quaisquer tipos de doenças psicossociais devem procurar ajuda e apoio na terapia, com um profissional. Entretanto, o grupo se tornou a porta para essa busca. Muitas entenderam que nosso cuidado também reside em parar, ficar em silêncio.

Depois de dois meses percebemos que o fator de “talento” fazia com que muitas – se não todas – se diminuíssem em cena. Então como Spolin falou: “ninguém ensina nada a ninguém” (1992, p. 03); passei sempre a ressaltar que estávamos aprendendo coisas, juntas. Era uma troca de saberes, afinal o que é o teatro senão troca. Com isso conseguimos ressaltar potencialidades que nem elas imaginavam que tinham.

A introdução e o trabalho com coro cênico fortaleceram o trabalho de construção de corpo neutro – corpo preparado para receber qualquer tipo de personagem, claro que fazendo uma linha contínua, psicológico e emocional do personagem. Mas sempre partindo do pressuposto de ser eu mesma – ser o interprete – pois não tem como desgrudar ou sair para que o personagem entre.

Passamos então a utilizar das nossas histórias como base de nossos personagens, claro que, já estávamos confortáveis em visitá-las. Aquelas que ainda sangravam – feridas – continuávamos a tratar em grupo ou em terapia com profissional da área. Era sempre uma experimentação de até onde posso ir, até onde quero ir, até onde consigo ir. Sem sangue, estávamos exaustas de sangrar.

Com a dramaturgia pronta, lemos em grupo e então: uma pausa para férias, e eu que sempre odiei férias, tive a melhor em julho de 2019. Quando retornamos, resolvi continuar com: “corpo informe. Corpo anarcometodológico. Corpo atormentado que remete a um tempo acesso nas entranhas deste Norte.” (PINHEIRO, 2016, p. 79), para continuar o trabalho que começamos - de aproximação - escrevi para elas uma carta:

Quando a gente vai embora, a gente vai embora um pouquinho antes. (jout jout)

Com essa frase quero dar boas-vindas a todas, sei que pode parecer contraditório, mas na realidade o que quero pedir é que me deixem aos poucos, nos deixem aos poucos, como as felpudas, uma classe de flor que se desprende facilmente com o vento para polinizar o mundo.

Não quero que me diga adeus, pois não devemos o dizer aos nossos lares; então: nunca diga adeus, porque dizer adeus significa ir embora, e ir embora significa esquecer (Peter Pan). E espero que nunca esqueçam tudo que construímos e estamos construindo aqui.

Contudo, sem demora quero anunciar que quando vocês cruzaram essas portas, novamente, anunciaram o início do segundo ato desse espetáculo maravilhoso chamado: enfim sós. Saibam que estamos caminhando para o terceiro e último ato, que vamos chamar de desaguar.

O desaguar de toda nossa vivência, experiência e aprendizado que tivemos aqui, nessa sala, nessa escola, nessas pessoas; sim, pessoas. Temos a responsabilidade de chegar lá com todas as nossas meninas, mas saibam: queremos tanto chegar a um lugar que somos incapazes de olhar pela janela da alma a beleza do caminho – você quer chegar lá, o caminho já é lá (Isa Sofia). Já estamos aqui, por isso, convido todas a fecharem os olhos do corpo e abrir o da alma para enxergar o lar que construímos; não deixem de olhar os lugares irregulares pois é lá que reside nossas particularidades, nossos medos, nossa ansiedade, mas também nossa determinação, nosso consolo, nossas lágrimas, nosso riso. Preciso que vocês confiem, continuem confiando no processo de cuidar de si, sabendo que isso aqui é um pedaço ínfimo do processo da existência, mas é do pequeno que nos tornamos grandes. Pensem em tudo que vocês podem ser, mas nenhuma versão vai ser melhor do que esta, a de agora.

O agora, sempre progredindo e transformando, então, se te perguntarem qual a sua melhor versão, responda sempre: é a de agora!

Agora peço que abram os olhos e me doem uma pequena vírgula, a vírgula da continuação, a vírgula da esperança, me doem um pedaço de afeto, de acolhimento, peço que todas as vírgulas que hoje eu recolher sejam grandes, para que eu possa compartilhar com outras pessoas lá fora, em contrapartida eu lhes dou tinta, lhes dou também todas as letras e todas as linhas para que assim vocês possam confeccionar não só virgulas, mas palavras de afeto, de cuidado.

Quero ainda compartilhar uma sabedoria recém-adquirida: “a vida é tentar

domesticar os fantasmas enquanto se vive. E não viver só depois de domesticá-los, porque às vezes não dá tempo de viver.”

Particularmente, férias, me causam arrepios e me acontecem coisas horríveis, foi assim desde criança, principalmente as do fim de ano. Mesmo estando cansada eu prefiro continuar trabalhando até cair dura, é uma coisa minha para não ter tempo de pensar e nem deixar ninguém se aproximar. Na penúltima semana de julho aconteceu mais uma vez aquilo que não me atrevo a dizer em voz alta, por isso sussurro. Fui abusada. Acreditem em mim, minhas mãos tremeram somente de escrever isso, então peço que não liguem para a voz tremula. Compartilho isso com vocês não para que pensem: “nossa mana, mas tua vida é desgraçada mesmo”, até porque eu mesmo já pensei nisso. Mas compartilho como forma de terapia de choque, pra que eu saiba que aconteceu e que quando eu fui tomar providências soube que a pessoa que tanto me fez mal está entre a vida e a morte no hospital; pode parecer cena de novela ou roteiro de filme, mas não, aconteceu comigo, com essa pessoa na frente de vocês. E eu digo com sinceridade e sem nenhum arrependimento, eu pensei em desistir, de novo e de novo, pensei na estrada em jogar a moto debaixo de uma carreta, de um caminhão ou de qualquer veículo que ali passasse, eu cheguei a acelerar e como um filme na minha cabeça me veio todos os planos que eu tracei para viver, porque já estou cansada de sobreviver. Mas estou falando tudo isso, também, para que assim como eu vocês não desistam, pois se eu tivesse desistido duas semanas atrás eu não estaria compartilhando esse dia com vocês e mesmo com dor eu compartilho para que saibam que eu acredito em vocês, na entrega, nesse projeto, nesse espetáculo, nessa semente, nessa vida. Hoje, quero permitir que vejam a minha versão mais renegada, minha fragilidade. Faço isso para que saibam que podem se desnudarem para mim também.

Por isso eu quero anunciar que é muito bom estar aqui, de volta, espero poder sempre retornar pra esse nosso pequeno infinito.

Um dia de cada vez, é o que desejo.

Quando terminei de ler, elas correram para me abraçar e voltamos a trabalhar. No meio dos trabalhos, uma surge com história para partilhar e quando nos demos conta, estávamos sentadas em roda para uma troca e terapia. Levantamos e jogamos para cena. Para a dramaturgia que lemos antes de ir para as férias. A construção de encenação que eu pensei, foi voltada para todos os momentos que passamos em sala e que tomei nota:

Como nos diz Foucault, está diretamente relacionado a um trabalho conosco mesmos, de abrir-nos ao que é diferente de nós? Ao mesmo tempo, como nos entregarmos ao trabalho de nos enxergarmos na simplicidade criativa de que somos história, de que não inauguramos nada absolutamente novo em nossos gestos e palavras, pois muitos falaram antes de nós e continuam tendo voz em nós mesmos? Aceitar essa condição não nos impede de inventar a *nós* próprios todos os dias, numa perspectiva política de atuação na *polis* contemporânea, e de resistir de alguma forma ao que mais constrange nossa subjetividade e nossa atenção ao outro – este que é, ele mesmo pura diferença (ROSA FISCHER, 2008 *apud* ICLE, p. 17).

E foi surgindo os corpos de velha, velho, água e fogueira. Personagens da dramaturgia. “Enfim sós”, nosso espetáculo. O desenvolvimento e envolvimento sempre partiu da premissa daqueles corpos marcados, cheias de histórias, ora fechado ora aberto. Tornando cada personagem singular, mesmo que o elenco tenha “coringado” o espetáculo todo. Foram cinco dias dentro do palco do Teatro Universitário Cláudio Barradas, duas sessões cada dia. E mesmo assim era como a primeira vez, o primeiro encontro, algo orgânico foi alcançado.

Figura 27 - Somos fogueiras



Fonte: Tarsila França

Cada personagem trazia à tona a nossa pior e melhor versão ao mesmo tempo, e ver isso de dentro foi algo imensurável e impensável, nos fazendo refletir que o teatro é a movimento e reinvenção dos segundos e minutos de uma vida inteira.

Figura 28 - Fim de espetáculo



Fonte: Tarsila França

Nos dias das apresentações, o camarim “pegou fogo”, todas estavam nervosas, seria a primeira vez de muitas no palco. E com isso, muitas palavras foram ditas e pessoas se machucaram, porque é assim, teatro também pode machucar na mesma proporção que cura, porque é feito de pessoas. O ensinamento que ficou foi: “pessoas falam e fazem coisas, mas você decide a forma que aquilo te afeta”. Entretanto tudo que foi feito no camarim resultou em explosão no palco. Arrancamos assim do público risos, choro, aplausos, assobios, amor, reflexão e silêncio.

6 CONCLUSÃO - TIRANDO O *BAND-AID*

Por fim, chego à conclusão de que com essa pesquisa e com todos esses trabalhos é que isto é IN-concluso. Porque o caminho que tracei até aqui foi esqueletizado pelo teatro, mas minha vida esqueletizou meu fazer teatral. É importante dizer que a Escrita de mim, em mim e para mim se tornou uma explosão que abarcou um grupo de mulheres que não eram de teatro, mas se tornaram teatro. Pois mais importante de fazer, é ser. E aprendi que tudo pode ser desfeito e refeito. Sempre posso retornar ao início ou mesmo ao meio do caminho.

Entretanto é válido dizer que foram ciclos abertos e fechados, como em atos de espetáculos, onde cada um teve sua trama tecida e desenrolada, desaguada para um lugar: teatro. A pesquisa me mostrou que meu corpo-história, tornou-se linguagens no teatro, podendo encenar-se a partir de textos, de desenhos, de músicas, de silêncio e de tudo que conhecemos e vamos conhecer.

Não posso fechar esse trabalho sem dizer que: Estou curada e pude curar também! Curei pessoas, mulheres! Não, entramos num eterno processo, curada da minha dor eu fui, mas minhas cicatrizes estão expostas, sem *Band-aid* pois encontrei um meio de viver e ser vivida. Encontrei um cuidado de si que é singular e completamente adaptável.

Finalmente encenei aqui minha história como protagonista, tomei o controle do que eu sou, e do que quero me tornar. Levando assim ensinamento e bagagem para esse ensinamento. Um elucidar ser teatro.

REFERÊNCIAS

- ARTAUD, Antonin. *A Perda de si: Cartas de Antonin Artaud*. Seleção, organização e prefácio: Ana Kiffer e Mariana Patrício Fernandes. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- ALMEIDA. *Bíblia online*, revista e atualizada. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/ara/1sm/2>. Acesso em: 16 de Abr. de 2019.
- BARROS II, João Roberto. *Técnicas de si nos textos de Michel Foucault – A influência do poder pastoral*, ano 10. Nº 173º 2012º ISSN 1679 - 0316
- BECKETT, 1996. In: PINHEIRO, Luizan, 1965. *Anarcometodologia: o que pode uma pesquisa em artes/Luizan Pinheiro*. - Belém: UFPA, 2016.
- BENNINGTON, 1996. In: DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si/ Elizabeth Muylaert Duque-Estrada*. Rio de Janeiro: NAU/Editora PUC-Rio, 2009. Inclui bibliografia.
- BLACHOT, [s.d.]. In: DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si/ Elizabeth Muylaert Duque-Estrada*. Rio de Janeiro: NAU/Editora PUC-Rio, 2009. Inclui bibliografia.
- BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro-RJ: Civilização Brasileira S.A., 1980.
- CORREIA, Anibal José Pacha. *Pequenas histórias para pequenos grandes mundos de uma meninagem arteira - exercícios e experimentações para o teatro de animação/ Anibal José Pacha Correia*. Curitiba: CRV, 2019. 94 p.
- DIAS, Barbara. *Nove meses - oração do bebê*. Disponível em: <https://youtu.be/xezdXa5okuU>. Publicado em 12 de abril de 2015. Acesso em: 15 Abr. 2019.
- DICIONÁRIO, *online*. Disponível em: dicionario.priberam.org/ambuá. Acesso em: 21 de Nov. de 2019.
- DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si/ Elizabeth Muylaert Duque-Estrada*. Rio de Janeiro: NAU/Editora PUC-Rio, 2009. Inclui bibliografia.
- FLORY, Alexandre. *A recepção de B. Brecht: Apontamentos sobre a recepção de Bertolt Brecht no Brasil via Anatol Rosenfeld*. Pandaemonium, São Paulo, v. 16, n. 22, Dez /2013, p. 55-83.
- ICLE, Gilberto. *Pedagogia Teatral como Cuidado de Si*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2010.
- LIMA, Wlad. *Dramaturgia Pessoal do Ator*. Belém: Grupo Cuíra, 2005.
- LUCAS, Kleber. *Letra – Deus Cuida de Mim*. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/kleber-lucas/46850/>. Acesso em: 30 Nov. 2019.

NANCY, Jean-Luc. 58 Indícios sobre o corpo. *Rev. UFMG*, Belo Horizonte, v 19, n. 1 e 2, p. 42-57, jan./dez. 2012.

PINHEIRO, Luizan, 1965. *Anarcometodologia: o que pode uma pesquisa em artes*/Luizan Pinheiro. - Belém: UFPA, 2016.

ROSA FISCHER, 2008. *In: ICLE, Gilberto. Pedagogia Teatral como Cuidado de Si*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2010.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. Tradução de Ingrid Dormien Koudela, Eduardo José de Almeida Amos. São Paulo: Perspectiva, 1992.